

# Impacto da leitura feita pelo adulto para o desenvolvimento da criança na primeira infância

**avaliação econômica** e projetos sociais

**Impacto da leitura feita pelo  
adulto para o desenvolvimento  
da criança na primeira infância**

São Paulo – SP

Fundação Itaú Social

2016



**Iniciativa**

**Fundação Itaú Social**

**Vice-presidente**

Fábio Barbosa

**Superintendente**

Angela Cristina Dannemann

**Coordenador**

Antonio Bara Bresolin

**Equipe**

Carlos Eduardo Garrido

Clarissa Gondim Teixeira

Flávia Defacio

Karen Dias Mendes

Leandro Daniel Santos Carvalho

Luan Pires Paciência

Marina Brito Ferraz

Samara Fonteles da Cunha

**Impacto da leitura feita pelo adulto para o desenvolvimento da criança na primeira infância**

**Coordenação Editorial**

Clarissa Gondim Teixeira

**Execução**

Clarissa Gondim Teixeira

(clarissa.teixeira@itau-unibanco.com.br)

Luan Pires Paciência

(luan.pires-paciencia@mail.com.br)

**Contribuições**

Karen Dias Mendes

**Comunicação**

Alan Albuquerque R. Correia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Impacto da leitura feita pelo adulto para o desenvolvimento da criança na primeira infância [livro eletrônico] / [coordenação Clarissa Gondim Teixeira]. -- São Paulo : Fundação Itaú Social, 2017.

400 Kb ; PDF

**Bibliografia.**

ISBN: 978-85-66932-19-5

1. Aprendizagem cognitiva 2. Crianças - Desenvolvimento 3. Gêneros literários 4. Hábitos de leitura 5. Leitura - Promoção I. Teixeira, Clarissa Gondim.

17-03338

CDD-028.9

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Efeitos da leitura para o desenvolvimento da criança 028.9

## Sumário

Introdução .....	5
1. A leitura tem algum efeito sobre o desenvolvimento do indivíduo? .....	6
2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências? .....	8
3. O efeito da leitura é duradouro? Qual o impacto em longo prazo? .....	10
4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante? .....	12
5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes? .....	13
6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura? .....	17
7. Que intervenções (públicas ou não, em larga escala ou não) foram efetivas para promover o hábito de leitura e assim beneficiar as crianças? .....	19
8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade .....	21
Considerações finais .....	26
Fichas-resumo dos textos abordados .....	29

## Introdução

O objetivo deste trabalho é fazer um levantamento da literatura que trata do impacto da leitura realizada pelos adultos para o desenvolvimento, desde a primeira infância até a fase adulta, das habilidades cognitivas e não cognitivas da criança e em outros indicadores do seu desenvolvimento.

Os artigos foram selecionados por meio de busca por palavras-chave no Google Acadêmico, sendo que privilegiaram-se trabalhos publicados a partir de 1990 e, quando possível, os com maior número de citações.

O texto está dividido em oito seções. Nas primeiras sete, enfocamos os efeitos da leitura dos pais para as crianças sobre dimensões cognitivas (desenvolvimento da linguagem, do vocabulário, frequência de leitura da criança etc.). Na última, tratamos especificamente sobre os impactos em dimensões não cognitivas.

Concluimos com as implicações do estudo para a criação de políticas públicas (intervenções diretas ou incentivo das famílias) e apontamos as lacunas da literatura.

- Leitura tem algum efeito para o desenvolvimento do indivíduo?
- Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências?
- O efeito da leitura é duradouro? Qual o impacto em longo prazo?
- Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante?
- Que práticas associadas à leitura são mais eficazes?
- Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura?
- Que intervenções (públicas ou não, em larga escala ou não) foram efetivas para promover o hábito de leitura e assim beneficiar as crianças?
- Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade.

## 1. A Leitura tem algum efeito sobre o desenvolvimento do indivíduo?

O levantamento da literatura permite concluir que a leitura exerce efeito sobre o desenvolvimento dos indivíduos. Evidências em diferentes contextos geográficos e em diferentes faixas etárias sugerem que a leitura é importante elemento tanto do desenvolvimento cognitivo como do não cognitivo.

Cabe destacar que o envolvimento dos pais na aprendizagem das crianças por meio de atividades de leitura contribui para seu desempenho em testes de linguagem. A leitura feita pela própria criança de determinados gêneros literários, especialmente a ficção, também tem efeito sobre alguns traços de sua personalidade.

Este trabalho mapeia como se dão essas relações, apontando inclusive as lacunas existentes na literatura. Inicialmente, trataremos dos impactos da leitura sobre habilidades cognitivas.

Três trabalhos exemplificam a existência desses efeitos da leitura sobre o desenvolvimento. Boas habilidades para ler na infância traduzem-se em notas mais altas e obtenção de melhores qualificações. Na idade adulta, essas capacidades também se relacionam com o nível socioeconômico do indivíduo.

Em uma grande amostra representativa do Reino Unido, Ritchie e Bates (2013) testaram os efeitos da habilidade de leitura aos 7 anos sobre o nível socioeconômico alcançado aos 42 anos. Os participantes do estudo eram membros do National Child Development Study e foram acompanhados desde 1965, quando os participantes tinham cerca de 7 anos de idade, até 2009, quando já estavam com cerca de 50 de idade. A capacidade de leitura aos 7 anos se mostrou positivamente associada ao nível socioeconômico, escores de inteligência, motivação acadêmica e anos de escolaridade alcançados aos 42 anos.

Um dos trabalhos mais citados na literatura sobre impactos de leitura é o de Sénéchal e LeFevre (2002). A importância do artigo se deve por ser um estudo longitudinal de cinco anos. Foram acompanhadas 168 crianças de famílias das classes média e alta do Canadá, desde o final do ensino infantil até o equivalente à 4ª série brasileira. O fato de considerar famílias com bom poder aquisitivo deve ser levado em consideração, pois seus resultados não podem ser generalizados para crianças de ambientes socioeconômicos mais desfavorecidos. Para as autoras, a exposição aos livros<sup>1</sup> de maneira

---

1. Na literatura, o termo *print exposure* é definido como o tempo que a pessoa gasta visualizando palavras escritas (lendo), seja por qualquer meio (jornal, revista, livros etc. Nesta pesquisa, usamos a expressão "exposição aos livros", uma vez que os artigos aqui avaliados, de modo geral, tratam dessa questão para as crianças, para as quais os livros são o principal meio de contato com palavras escritas.

informal, em casa, desempenha importante papel no desenvolvimento das habilidades de leitura infantil.

Já o ensino mais formal dos pais parece ter menor influência no processo de aprendizagem da leitura<sup>2</sup>. Os resultados mostraram forte relação entre a exposição das crianças aos livros e o desenvolvimento de vocabulário e de habilidades de compreensão da escuta. O envolvimento dos pais na leitura e na escrita de palavras foi relacionado com o desenvolvimento de habilidades precoces de alfabetização. Assim, segundo as autoras, os vários caminhos que levam à leitura fluente têm suas raízes em diferentes aspectos das primeiras experiências infantis.

Na mesma linha, Mol et al. (2011) também indicam a relevância da leitura para o desenvolvimento e mostram que ela é importante não apenas na infância, mas até a universidade. Os autores examinaram a associação entre a exposição de indivíduos aos livros e a habilidade de leitura ao longo do desenvolvimento, por meta-análise de 99 estudos (n = 7.669 indivíduos) cujo foco era a leitura nas horas livres e de lazer de: (a) pré-escolares e crianças de jardim de infância; (b) crianças pertencentes às idades correspondentes aos ensinos fundamental e médio brasileiros; e (c) estudantes universitários. Foram encontradas correlações entre a exposição aos livros e as medidas de compreensão de leitura, leitura técnica e desenvolvimento da ortografia. Essa correlação é mais forte quanto maior a idade dos indivíduos. Assim, a exposição aos livros nas fases de pré-escola e jardim de infância explicou 12% da variância nas habilidades de linguagem oral, porcentagem que aumenta para 13% na primeira etapa do ensino fundamental, 19% na segunda etapa do ensino fundamental, 30% no ensino médio e 34% no ensino universitário. Os resultados, então, evidenciam que a leitura influencia habilidades de linguagem e de ortografia pelo menos até a juventude dos indivíduos.

Os trabalhos citados nesta seção apenas exemplificam que a literatura é praticamente unânime em apontar que a capacidade de leitura das crianças por volta dos 7 anos de idade tem consequências de médio e longo prazo sobre seu desempenho cognitivo e nível socioeconômico na idade adulta. Além disso, a leitura de histórias feita pelos pais para os filhos tem se mostrado um mecanismo efetivo de melhoria da capacidade de ler da criança. Ao longo das próximas seções, iremos qualificar de que maneira essa leitura parental contribui para tornar a criança uma leitora de qualidade.

---

2. O principal objetivo das práticas informais de alfabetização é transmitir a mensagem da história durante a leitura compartilhada, isto é, naquela em que tanto o pai como a criança participam da leitura, estabelecendo um diálogo (também chamada de leitura dialogada). Já as práticas formais de alfabetização preocupam-se com os conceitos sobre nomes e sons de letras específicas, com o ensino das palavras e da escrita de nomes.

## 2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências?

No entanto, quando se fala da relevância da leitura para a criança, é importante que se caracterize mais detalhadamente sobre quais aspectos da vida da criança esse efeito ocorre e tentar averiguar, nas dimensões em que o efeito existe, qual seu valor. Nesse sentido, o levantamento bibliográfico que foi realizado permitiu identificar algumas competências nas quais há mais consistência nos resultados acerca do impacto da leitura.

Há uma gama importante de trabalhos que procura relacionar a leitura feita pelos pais sobre a habilidade de leitura, bem como o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de vocabulário. Ou seja, boa parte dos indicadores analisados na literatura fica circunscrita ao próprio campo do desenvolvimento das habilidades cognitivas relacionadas à linguagem.

Por exemplo, Hood et al. (2008), em um estudo longitudinal de três anos (pré-escola, 1ª e 2ª séries do ensino fundamental), investigaram as relações entre as práticas formais e informais de alfabetização de pré-escolares em casa e o desenvolvimento da linguagem. Os resultados do trabalho mostram que a leitura compartilhada entre pais e filhos estava relacionada significativamente ao vocabulário da 1ª série, explicando 4,5% dessa variação.

Por outro lado, os autores demonstram que as práticas mais formais de alfabetização dentro de casa na pré-escola explicam cerca de 5% da variância da medida de identificação letra-palavra usada no estudo ainda na pré-escola. E, por meio desse canal, esse efeito se propaga para o primeiro e para o segundo anos em termos de consciência fonológica<sup>3</sup>, habilidade em soletração e habilidade em leitura, o que não ocorre com a leitura compartilhada.

No entanto, apesar dessa constatação, as autoras não sugerem que a leitura compartilhada entre pais e filhos deva ser descartada em favor de práticas formais de ensino. De fato, a prática da leitura frequente de pais para filhos está relacionada a um maior desenvolvimento de vocabulário, e outros trabalhos têm mostrado que ela é um importante previsor da compreensão futura de leitura.

---

3. A consciência fonológica envolve a capacidade de identificar, isolar, manipular, combinar e segmentar mentalmente, e de forma deliberada, os segmentos fonológicos da língua. Essa competência compreende dois níveis: (1) consciência de que a língua falada pode ser segmentada em unidades distintas – a frase pode ser segmentada em palavras, as palavras em sílabas e as sílabas em fonemas; (2) consciência de que essas unidades podem se repetir em diferentes palavras (fonte: <http://cfonologica.blogspot.com.br>).



Dependendo de um contexto socioemocional positivo, a leitura entre pais e filhos é também importante na promoção da motivação da criança, que tem consequências, em longo prazo, importantes para a sua própria leitura (Serpell et al., 2005 apud Hansen et al., 2008).

Embora as relações diretas das práticas de ensino parental sejam mais evidentes no início da alfabetização, as relações indiretas da leitura precoce de pais para filhos podem não ser aparentes até que o foco da leitura mude da decodificação básica de palavras para a compreensão, por volta do terceiro ano do ensino fundamental. Assim, os pais devem ser encorajados a se envolver tanto nas atividades de leitura como de ensino para aperfeiçoarem os resultados de alfabetização após a entrada na escola.

Os resultados desses mecanismos e práticas de atividades de leitura e alfabetização em casa não são consensuais e podem variar com a consistência ortográfica da língua (relação grafema-fonema). Por exemplo, em línguas sem consistência ortográfica, o processo de aprendizado de leitura seria mais difícil, levando a maior engajamento dos pais no processo de aprendizagem. Já em línguas consistentes ortograficamente, como o grego, os pais não teriam tanto essa preocupação. Assim, por exemplo, diferentemente de Hansen et al. (2008), Manolitsis et al. (2011) não encontram na Grécia evidência de relação entre a prática de alfabetização em casa na fase pré-escolar e a habilidade e compreensão de leitura na 4ª série, após controle pelos níveis iniciais de inteligência não verbal, vocabulário, sensibilidade fonológica, nomeação rápida e conhecimento de letras. Apenas constatam correlação dos indicadores recentes, durante a fase pré-escolar.

Kloosterman et al. (2011) fornecem evidência de que a leitura parental para a criança quando essa estava na 2ª série teve efeito de 0,08 de desvio-padrão na proficiência em linguagem na 4ª série. Price (2010) também fornece estimativas causais do efeito da leitura parental sobre o desempenho de leitura da criança. Os resultados obtidos indicam que, ao longo dos primeiros dez anos de vida da criança, pais lerem para os filhos um dia a mais por semana durante trinta minutos no período de um ano (o que equivale a cerca de 26 horas a mais de leitura ao longo do ano todo) eleva a pontuação de leitura infantil em testes padronizados em cerca de metade de um desvio-padrão, o que é um impacto significativo.

Há trabalhos que tentam averiguar se uma criança com dificuldade de leitura no começo do processo de alfabetização tem muito mais chances de permanecer assim ao término da primeira etapa do ensino fundamental.

Segundo Juel (1988), a pouca consciência fonológica da criança no início do ensino fundamental estaria relacionada à baixa capacidade leitora nessa idade, havendo um bloqueio para que a criança

supere essa situação ao longo do ensino fundamental. Segundo a autora, a probabilidade de que uma criança permaneça com dificuldade de leitura no final da 4ª série (se essa criança já tinha essa dificuldade de leitura no final da 1ª série) era de 88%. Além disso, a habilidade de leitura dessas crianças na 4ª série era equivalente àquela dos bons leitores na 2ª série, o que mostra como muito cedo essa diferença se consolida e, na verdade, tende a se ampliar, uma vez que Juel (1988) afirma que bons leitores leem muito mais do que os que têm dificuldade de leitura, tanto dentro como fora da escola, o que contribui para aumentar a diferença entre os dois grupos.

A consciência fonológica influencia a capacidade leitora da criança e, como vimos, a consciência fonológica é um dos principais fatores indiretamente afetados por práticas de leitura dos pais para os filhos (Hood et al., 2008), pois aumenta o vocabulário da criança, contribuindo para uma identificação das letras e palavras e da consciência fonológica (Sénéchal e LeFevre, 2002). Desse modo, a prática de leitura compartilhada na primeira infância é importante para o desenvolvimento da futura capacidade leitora.

Dessa forma, a literatura é bastante contundente em apontar um forte efeito da leitura dos pais para os filhos sobre diversas dimensões relacionadas à linguagem da criança: aquisição de vocabulário e de consciência fonológica, identificação de letras e palavras, melhoria da habilidade de leitura durante a fase do ensino fundamental, melhoria da habilidade de compreensão de texto no ensino fundamental.

Por outro lado, a literatura avançou pouco na identificação de outras capacidades influenciadas pela leitura dos pais durante a primeira infância. Não há consenso de que práticas mais formais de alfabetização em casa teriam o mesmo efeito que a simples leitura dos livros pelos pais apenas com a preocupação de fazer a criança compreender a história, mas sem foco no ensino formal do idioma.

### **3. O efeito da leitura é duradouro? Qual o impacto em longo prazo?**

Tão importante quanto avaliar sobre quais dimensões a leitura tem impacto é saber se esse impacto é persistente ao longo do tempo. Assim, se o efeito da leitura for apenas provisório, seria necessário que os pais “se mantivessem firmes” no decorrer dos anos para que os efeitos fossem duradouros.

A escassez de estudos que investigam esse aspecto se deve à necessidade de uma estrutura longitudinal dos dados, em que os mesmos indivíduos são acompanhados ao longo do tempo. No entanto, felizmente a evidência da literatura mostra que há efeitos de longo prazo nas atividades

de leitura sobre as habilidades dos indivíduos. Por exemplo, Kalb e Ours (2013), utilizando dados longitudinais de 4 mil crianças australianas, relatam que a leitura parental feita para crianças de 4 a 5 anos de idade tem efeitos positivos e significativos sobre as habilidades de leitura e outras habilidades cognitivas dessas crianças, pelo menos até a idade de dez ou onze anos.

O impacto da intervenção parental precoce parece mesmo ter um efeito duradouro, como mostra o trabalho de Miedel e Reynolds (1999). Os autores avaliaram 704 crianças de baixa renda e seus pais, que haviam participado de um programa educacional governamental voltado a crianças de 3 a 9 anos de idade (*Chicago Child-Parent Centers*).

Esse programa, desenvolvido em algumas escolas de Chicago, incluía uma sala de recursos para “treinamento” dos pais dentro da escola e um professor que dava apoio aos pais tanto em atividades no centro como na comunidade. Nessa sala de recursos, os pais podiam trabalhar com projetos, interagir com outros pais, criar atividades que fossem adequadas para o desenvolvimento dos filhos, aprender maneiras de melhorar seu relacionamento com os filhos e frequentar cursos/oficinas. Além disso, eram estimulados a ter uma participação mais ativa na escola.

Após a conclusão do programa, o trabalho procurou levantar de quais atividades do CPC os pais haviam participado. Para tanto, foram considerados: programas na sala de recursos, encontros e assembleias escolares, excursões, ajuda ao professor ou aos alunos como voluntário na sala de aula, conversas reservadas com os professores, recepção em casa de membro do CPC, condução do filho de casa para a escola e vice-versa, e com que frequência (uma vez por semana ou menos). Os resultados indicaram que alunos por volta dos 14 anos cujos pais participaram de, pelo menos, seis atividades do CPC aprenderam a ler mais facilmente e tiveram menores taxas de repetência. Ou seja, os efeitos permanecem por, pelo menos, dez anos.

Cabe destacar ainda que o impacto não ocorre apenas em longo prazo, pois a literatura indica haver associação entre as práticas de leitura dos pais e o desenvolvimento da habilidade leitora da criança (Sénéchal e LeFevre, 2002) também em curto prazo. Hargrave e Sénéchal (2000) mostram que ganhos na linguagem devido à exposição a livros de histórias podem ser obtidos em um período relativamente curto de tempo (quatro semanas), embora não avaliem se esse ganho permanece ao longo do tempo.

Apesar desse efeito de longo prazo, durante a infância devemos estar atentos, pois a habilidade leitora pode se deteriorar se não for utilizada. Assim, a prática de atividades de leitura é decisiva na manutenção e no desenvolvimento das habilidades de leitura. Por exemplo, os resultados da Pesquisa Internacional de Alfabetização de Adultos (*The International Adult Literacy Survey*), realizada pela OCDE,

mostram que as habilidades de leitura podem se deteriorar após a conclusão da educação inicial, caso não sejam usadas, e apontam para a importância da manutenção de competências de leitura. Ler com prazer e habitualmente permite prever o sucesso da aprendizagem ao longo da vida.

Da mesma maneira, a frequência com que estudantes leem por prazer, divertem-se ao falar de livros ou visitam livrarias e bibliotecas e a importância geral que atribuem à leitura podem dar indícios do grau de leitura desses alunos no futuro. Tudo isso indica que a leitura parental durante a primeira infância pode criar um caminho que deve ser sedimentado ao longo do tempo, para perpetuar o hábito da leitura.

Em suma, as evidências empíricas mostram que o impacto da leitura parental durante a primeira infância (0 a 6 anos) é duradouro, afetando indicadores como não repetência aos 14 anos, competência em leitura aos 11, bem como maior competência em leitura e aquisição de vocabulário dos 7 aos 9 anos. No entanto, é importante que durante a primeira infância a atividade de leitura com as crianças seja uma rotina prazerosa, pois, se interrompida precocemente, os efeitos de longo prazo tendem a ser menores ou podem até desaparecer.

#### **4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante?**

A literatura indica que a fase dos 5 aos 6 anos é particularmente importante no desenvolvimento de habilidades que serão valiosas para garantir uma boa capacidade futura de leitura para a criança (Sénéchal e LeFevre, 2002; Fontes et al., 2004). Por exemplo, Silinskas et al. (2010) mostram que atividades de leitura compartilhada e do próprio ensino de leitura pela mãe explicam a habilidade de leitura de palavras entre os 5 e 6 anos e que essa habilidade aumenta a probabilidade de a criança receber posteriormente novos estímulos parentais para leitura.

No entanto, mesmo crianças mais novas são beneficiadas no desenvolvimento do vocabulário e da linguagem pela leitura das mães, como indica, por exemplo, Raikes et al. (2006). Os autores estudaram uma amostra de famílias de baixa renda e encontraram ligações essenciais entre o hábito de leitura diária feita pela mãe, o desenvolvimento cognitivo da linguagem e o vocabulário infantil nas idades de 14, 24 e 36 meses, o que ressalta a importância desse hábito desde cedo, uma vez que os maiores impactos se dão dos 14 aos 24 meses.

Já Neuman (1999) constata que o próprio manuseio dos livros por crianças de 3 e 4 anos se mostrou

importante para o melhor conhecimento das letras e dos seus nomes, bem como para a aquisição de um vocabulário mais amplo. A partir do ensino fundamental, não é possível concluir, com base na literatura, sobre o impacto da leitura, embora Mol et al. (2001) mostrem que a correlação entre a frequência de leitura e o desenvolvimento da capacidade leitora cresce com a idade, inclusive até a universidade.

Dessa forma, a literatura não consegue estabelecer uma idade crítica em que a leitura parental, se não realizada, deixa de ter efeito positivo sobre a capacidade leitora e a aquisição de linguagem da criança. Há evidências de que, desde 14 meses, no mínimo, as crianças cujos pais realizam atividades de leitura já têm melhor desenvolvimento da linguagem. Porém, mesmo entre 4 e 5 anos, o desenvolvimento dessa atividade pelos pais também se mostra efetivo para a criança na fase escolar seguinte, em torno dos 7 anos de idade.

De qualquer forma, a prática rotineira da leitura em casa possibilita reforçar para a criança que a leitura é uma atividade prazerosa e, nesse sentido, os ganhos podem ser cumulativos se as atividades forem realizadas desde cedo.

Aqui cabe destacar uma lacuna da literatura, pois não há estudos que acompanhem as mesmas crianças desde os 12 meses, ano após ano, até o ingresso no ensino fundamental, avaliando como em cada período evoluíram sua capacidade de linguagem e leitura, seu interesse pela leitura, bem como a dinâmica da leitura parental (que pode ser mais frequente ou não em diferentes idades da criança).

### **5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes?**

Quando se fala de leitura dos pais para os filhos, na verdade estamos tratando de um conjunto amplo de possibilidades. Como exemplos, podem-se citar a leitura de um livro pelos pais sem que a criança intervenha ou a leitura do mesmo livro com a criança participando ativamente, pedindo para recontar um trecho. Outra probabilidade é o adulto ler uma parte da história e a criança, outra.

Hargrave e Sénéchal (2000), por exemplo, examinaram os efeitos da leitura de contos de fadas na aquisição do vocabulário de 36 crianças pré-escolares que tinham habilidades pouco expressivas de vocabulário (em média com treze meses de atraso em relação à idade cronológica).

As autoras testaram se os efeitos benéficos da leitura de contos de fadas seriam maiores quando as crianças eram participantes ativas, em comparação às crianças que participavam como ouvintes

passivos nas situações normais de leitura de livros. Os resultados desse estudo revelaram que as crianças com pouco vocabulário tiveram ganhos significativamente maiores na aquisição de vocábulos, bem como ganhos expressivos em um teste padronizado de vocabulário, em comparação com crianças para as quais se lia regularmente.

Outra faceta da atividade de leitura dos pais faz parte das atividades de “rotina noturna baseada em linguagem” (como contação de histórias, orações antes de dormir, conversas, músicas etc.). Nesse caso específico, Hale et al. (2011), em um estudo longitudinal com 4.274 crianças americanas, investigaram a associação da “rotina noturna baseada em linguagem” com a qualidade e a duração do sono noturno infantil, o desenvolvimento cognitivo e as condições de saúde e comportamento de crianças de 3 a 5 anos de idade. Observou-se que as rotinas de dormir baseadas na linguagem foram dissociadas de problemas comportamentais (ansiedade, isolamento e comportamentos agressivos) e positivamente associadas a uma melhora no bem-estar e na saúde geral da criança. Assim, tais atividades parecem agir beneficentemente e de modo duradouro para a qualidade do sono das crianças e para o seu desenvolvimento.

Um ponto que permanece controverso na literatura é a eficácia relativa da leitura dos pais para os filhos em comparação a práticas mais formais de alfabetização (como ensino de palavras e letras) no processo de letramento e aquisição da capacidade leitora da criança. Os artigos de Sénéchal e LeFevre (2002) e Hood (2008) exemplificam essa controvérsia.

Por um lado, Sénéchal e LeFevre (2002) apresentaram os resultados da fase final de um estudo longitudinal de cinco anos com 168 crianças de famílias de classes média e alta do Canadá. Foram examinadas as relações entre as experiências precoces de alfabetização em casa e o desenvolvimento de leitura dessas crianças. O trabalho analisa as atividades de alfabetização formal e informal em casa.

O principal objetivo das atividades informais de alfabetização era transmitir a mensagem contida na história durante a leitura compartilhada. Se os pais ensinavam conceitos sobre nome e som de letras específicas, havia aí uma atividade formal de alfabetização. Para as crianças avaliadas, a exposição aos livros de forma informal em casa desempenhou um importante papel no desenvolvimento de suas habilidades de leitura. Já o ensino mais formal dos pais pareceu ter uma influência mais limitada no processo de aprendizagem da leitura.

Por outro lado, Hood et al. (2008), em estudo longitudinal de três anos, testaram e estenderam o modelo causal de relacionamento de Sénéchal M. e J. LeFevre (2002) entre as práticas formais e informais de alfabetização de pré-escolares em casa e o desenvolvimento da linguagem. A leitura compartilhada entre pais e filhos e o ensino parental formal (ensino das letras, palavras e da escrita

do nome) foram avaliados seis meses antes da entrada das crianças na escola.

O trabalho encontrou relações significativas entre as práticas parentais mais formais em casa e a identificação de letras e palavras (para a 1ª e 2ª séries), ortografia e consciência fonológica. A leitura compartilhada entre pais e filhos estava relacionada significativamente ao vocabulário da 1ª série. No entanto, como as populações dos dois estudos citados acima são bastante distintas (Canadá e Austrália, respectivamente), é possível que essa diferença explique tais resultados contraditórios.

Ainda nessa linha de comparar intervenções, embora não exclusivamente ligadas à leitura, Hurry e Sylva (2007) exploraram a eficácia no longo prazo de dois modelos diferentes de intervenção na escola para crianças com dificuldades de leitura: um programa de recuperação de leitura denominado Reading Recovery e um treinamento fonológico específico.

O *Reading Recovery* baseia-se na ideia de que os dois primeiros anos de alfabetização da criança são fundamentais para que ela desenvolva uma rede de estratégias básica, que favoreça o aprendizado da leitura (o que inclui a busca, seleção e checagem do entendimento do que as letras representam). Segundo Clay (1991, p. 231)<sup>4</sup>, "... durante essa fase o leitor novato está aprendendo não somente palavras ou relações entre letras e sons, mas também está aprendendo a usar cada uma dessas informações em textos, como ligar essas informações com o conhecimento já existente e aprendendo que estratégias tornam a atividade de leitura bem-sucedida".

Com essa filosofia, o *Reading Recovery* é um programa de intervenção para alunos que têm grande dificuldade no início do processo de aprendizado de leitura e escrita. Professores treinados na metodologia do projeto realizam sessões individuais de 30 minutos (ou seja, fora da sala de aula, mas em outro ambiente da escola), todos os dias da semana, por três a seis meses.<sup>5</sup>

Em curto e médio prazos, ambas as intervenções (treinamento fonológico e *Reading Recovery*) melhoraram significativamente os aspectos de leitura das crianças, tendo a recuperação de leitura efeito mais amplo e poderoso. Em longo prazo, três anos e meio após a intervenção, o *Reading Recovery* teve efeito significativo para um subgrupo de crianças que era composto por não leitores de 6 anos de idade. Já o treinamento fonológico teve impacto relevante sobre a ortografia dessas crianças.

Outro estudo que compara intervenções distintas é Silinskas et al. (2010). Em estudo longitudinal, investigam como diferentes atividades em casa ligadas à leitura de mães para seus filhos se relacionam

---

4. Apud Hurry e Sylva (2007).

5. Para mais detalhes sobre a metodologia, ver <http://www.readingrecovery.org>.

com o desenvolvimento de habilidades de leitura entre crianças de 5 a 6 anos. Os resultados mostram que, das três atividades relacionadas à leitura (leitura compartilhada/dialogada, ensino do alfabeto e ensino da leitura feita pela mãe), o ensino feito pela mãe é o melhor preditor do desenvolvimento de habilidades de leitura entre as crianças do jardim de infância, pelo menos no intervalo de um ano.

Por fim, o próprio exemplo dado pelos pais em termos de hábito de leitura parece ser uma ferramenta eficaz para estimular nas crianças a prática da leitura. Assim, a transmissão de atitudes em relação à leitura e ao estudo pode ser explicada tanto por fatores culturais quanto educacionais, passados de pais para filhos (os pais ensinam seus filhos sobre a importância de ler e estudar e fornecem-lhes livros) ou ainda por imitação de comportamento (as crianças veem seus pais lendo e decidem ler também).

Essa última prática é de particular interesse, uma vez que implica que pais podem ser modelo e ter influência direta sobre a formação de preferências da criança, o que abre espaço para políticas públicas que visem a promover comportamentos “saudáveis” nos pais.

Nesse sentido, Mancini et al. (2011) investigam o efeito do comportamento de leitura dos pais sobre o comportamento de leitura de seus filhos. Os autores encontraram associações em longo prazo, comparando os hábitos de leitura dos pais e de seus filhos, e um efeito causal em curto prazo na leitura feita pela criança após a exposição à leitura dos pais. Usando o *Italian Time Use Survey* (2002-2003), os autores analisaram a transmissão dos hábitos de leitura entre gerações. Os resultados em longo prazo mostraram que as crianças tornam-se mais propensas a ler e a estudar quando convivem com pais que cultivam o hábito da leitura. Há diferença de 14 pontos percentuais na probabilidade de a criança ler quando vê seus pais lendo em comparação a quando não vê. Interessante observar que mães parecem ser mais importantes do que os pais nesse tipo de transmissão intergeracional.

Em suma, em relação a atividades feitas pelos pais em casa, a literatura aponta algumas como sendo particularmente eficazes durante a primeira infância: (1) uma leitura feita pelos pais para os filhos, especialmente no caso em que os filhos participam ativamente da contação de histórias; (2) leitura realizada antes de dormir, que mostrou contribuir para a diminuição da ansiedade e da agressividade das crianças; (3) práticas formais de alfabetização nas quais os pais procuram ativamente alfabetizar as crianças, embora o efeito não seja consensual na literatura; (4) prática de leitura feita pelos pais (especialmente as mães), servindo de exemplo e estímulo para que a criança desenvolva o gosto pela leitura.



## **6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura (meninas/meninos, pobres, vulneráveis, deficientes etc.)?**

Nesta seção, serão abordadas essas duas questões. Inicialmente, vamos apresentar as evidências da literatura no que diz respeito a grupos de crianças que têm menor exposição à leitura parental. Mais especificamente, destacam-se os casos dos filhos não primogênitos, dos meninos e dos filhos de pais com baixa escolaridade.

Em particular, Raikes et al. (2006) concluíram que primogênitos ouvem mais histórias diariamente do que outros filhos nascidos depois, possivelmente porque a mãe de primeiro filho tem mais tempo disponível, resultado corroborado por Silinskas (2010). Já em comparação às meninas, diariamente as mães leem menos para os meninos, possivelmente porque os pais os percebem como menos verbais, mais ativos ou com maiores dificuldades de se interessar por atividades ligadas à leitura. Por fim, quanto mais culta a mãe, maior sua dedicação a atividades de leitura para os filhos, corroborando resultados anteriores da literatura.

Price (2010) também observou que o tempo que os pais dedicam aos primogênitos é maior comparado ao dedicado aos outros filhos. O autor usa a ordem de nascimento das crianças nas famílias e o espaçamento dos nascimentos para estimar o efeito causal do tempo utilizado pelos pais para ler para seus filhos sobre os resultados de testes de leitura das crianças em diferentes idades. O trabalho se concentra em famílias com dois filhos e constata um efeito positivo de se ter uma rotina de leitura feita pelos pais para filhos sobre o desenvolvimento cognitivo infantil. O autor mostra que a leitura compartilhada entre pais e filhos um dia a mais por semana durante 30 minutos, nos primeiros dez anos de vida, aumenta consideravelmente o desempenho de uma criança em testes de leitura padronizados. Outra descoberta do estudo é que os primogênitos são mais beneficiados, uma vez que geralmente os pais leem mais para o filho mais velho, resultado também ratificado por Silinskas et al. (2010).

Um aspecto interessante levantado na literatura é que os hábitos de leitura dos pais para os filhos diferem de acordo com os grupos étnicos e socioeconômicos. Por exemplo, Bradley et al. (2001) estudaram os ambientes domésticos de crianças americanas (incluindo hábitos de leitura de pais para filhos) e os efeitos relativos da etnia e do nível de pobreza nesses ambientes. Para isso, foram comparados dados do *National Longitudinal Survey of Youth (NLSY)* para quatro grandes grupos étnicos americanos: brancos, asiáticos, afro-americanos e hispânicos. Foram encontradas diferenças significativas de acordo com o nível socioeconômico e com a etnia das famílias.

Pouco mais da metade (51,6%) das mães avaliadas liam, pelo menos, três vezes por semana, para seus filhos de 3 a 5 anos de idade (55%). Esse percentual caía para todos os grupos étnicos analisados quando as crianças tinham entre 6 e 9 anos de idade (35,6%). Os brancos se mostraram mais propensos a ler com frequência para as crianças (63,7%), seguidos dos asiáticos (44,2%), dos afro-americanos (37,9%) e dos hispânicos (34,9%). Além disso, o estudo mostrou que as mães em melhores condições socioeconômicas eram duas vezes mais propensas a ler para seus filhos (três ou mais vezes por semana) do que as mães mais pobres.

Na segunda parte desta seção, destacamos as evidências de que a leitura pode ter impacto diferencial para um grupo. Em particular, novamente meninas e filhos de mães com alta escolaridade são relativamente mais beneficiados pela leitura parental. Por exemplo, Kalb e Ours (2013) constataram que a leitura parental feita de três a cinco vezes por semana para meninos tem efeito positivo sobre a habilidade de leitura, embora ligeiramente menor que o encontrado para as meninas. Para a leitura de seis a sete vezes por semana, os resultados sobre habilidade leitora aos 10 e 11 anos são melhores, mas a ligeira diferença a favor das meninas se mantém.

Silinskas et al. (2010) também encontraram que o efeito da leitura parental é maior para meninas, em amostra de crianças de 5 a 6 anos. Esses mesmos autores destacaram que, quanto maior a escolaridade da mãe leitora, maior a rapidez do desenvolvimento da habilidade de leitura da criança durante a pré-escola.

Também há evidências de que a leitura no ambiente doméstico é importante para a estimulação mesmo de crianças com dificuldades de aprendizado ou atraso de desenvolvimento.

Hargrave e Sénéchal (2000) examinaram os efeitos da leitura de contos de fadas na aquisição do vocabulário de crianças pré-escolares com pouca habilidade de vocabulário expressivo (treze meses de atraso em relação à idade cronológica).

Tais crianças mostraram ganhos significativamente maiores na aquisição de vocábulos, bem como ganhos expressivos em vocabulário, em comparação a crianças em situação regular de leitura de livros. Os autores mostraram que crianças pré-escolares com habilidades reduzidas de vocabulário (principalmente aquelas provenientes de famílias de baixa renda) poderiam ampliar significativamente sua gama de palavras pela escuta regular e dialogada de histórias.

Assim, os resultados desta seção mostram que: a) pais leem mais, até pelo menos os 6 anos de idade, para meninas, primogênitos e filhos de mães com maior escolaridade; b) esses mesmos grupos acabam desenvolvendo maior habilidade leitora, seja no início da alfabetização, seja dos

10 aos 11 anos de idade. Dessa forma, os resultados aqui apresentados demonstram a importância de se estimular a prática de leitura compartilhada, especialmente nas famílias cujos pais têm baixa escolaridade. Por serem geralmente menos verbais que as meninas, os meninos devem receber especial atenção, já que os pais tendem a ler menos para eles.

## **7. Que intervenções (públicas ou não, em larga escala ou não) foram efetivas para promover o hábito de leitura e assim beneficiar as crianças?**

Grande parte da literatura investiga a questão da leitura dos pais para os filhos por meio de pesquisas domiciliares sobre o hábito e a frequência da leitura em casa dos pais. Na verdade, não foi possível localizar artigos na literatura que focalizassem intervenções nos domicílios. Em geral, as intervenções ocorrem no ambiente escolar, mesmo aquelas buscando incentivar a leitura dos pais para os filhos em casa.

De qualquer modo, a literatura reconhece a importância dessas intervenções. Por exemplo, Price (2010) indica que programas que fomentem o aumento no número de pais que leem diariamente para seus filhos devem ser estimulados, pois, ao longo do tempo, encontram importante impacto da persistência do hábito de leitura sobre o desempenho das crianças em testes de leitura.

Se a mãe passa a dedicar leitura um dia a mais na semana para o filho durante os dez primeiros anos de vida da criança, isso eleva em cerca de meio desvio-padrão a performance em teste de leitura, um efeito bastante significativo.

Uma intervenção interessante é relatada por Neuman (1999). Alguns centros de cuidado de crianças nos EUA (Pensilvânia) foram “inundados” com livros infantis de alta qualidade (na proporção de cinco livros por criança), enquanto outras creches não receberam tais recursos. O programa foi implantado aleatoriamente entre escolas de perfil socioeconômico e região geográfica semelhantes. O projeto, denominado Book Aloud, treinou por dez horas professoras das creches sobre: técnicas de leitura de histórias em voz alta; a importância da leitura para o desenvolvimento infantil; e como estabelecer rotina e postura para a leitura de livros.

O treinamento também abordou a maneira de envolver as crianças em atividades práticas relacionadas às histórias que haviam acabado de escutar. Por exemplo, após a leitura foi proposto

que elas criassem fantoches com os personagens da história com a finalidade de usá-los na experiência de recontá-la. Por fim, as crianças foram estimuladas a ter cuidado com os livros, para que não os estragassem, e as professoras foram orientadas a adaptar a biblioteca da creche para facilitar o acesso das crianças aos livros.

Antes e depois do estudo foram avaliadas as habilidades das crianças quanto ao conhecimento das letras, compreensão da leitura, escrita e competência narrativa. Cerca de oito meses após o início do experimento, as crianças dos centros envolvidos tiveram pontuações significativamente maiores em testes de leitura se comparadas às crianças do grupo-controle.

O artigo mostra que crianças pequenas (principalmente aquelas de níveis socioeconômicos mais baixos) necessitam de materiais de leitura diversos e de alta qualidade a fim de adquirirem o conjunto complexo de habilidades, atitudes e comportamentos associados com o desenvolvimento da alfabetização. O acesso dos livros às crianças pequenas (três e quatro anos), que passam boa parte de seu tempo em creches, é de extrema importância para seu desenvolvimento cognitivo e social e para sua alfabetização precoce.

Em um dos poucos estudos brasileiros sobre o assunto, Fontes e Cardoso-Martins (2004) investigaram, em Viçosa (MG), o impacto de um programa de leitura de histórias no desenvolvimento de habilidades da linguagem oral e escrita de crianças de baixo nível socioeconômico, com idades entre 4 e 6 anos.

Nesse caso, a intervenção se deu diretamente com as crianças na própria creche, através da leitura dialogada de 16 livros, um por semana, em sessões de cerca de 30 minutos, com a participação de, no máximo, quatro crianças por sessão. Os resultados sugerem que programas interativos de leitura de histórias podem ter um impacto positivo no desenvolvimento da linguagem oral de crianças de classes socioeconômicas mais baixas, já que as crianças do grupo experimental superaram as do grupo-controle em todos os testes de compreensão de histórias e vocabulário administrados após o término do programa de treinamento. Apesar de ter sido realizada na creche, essa intervenção pode ser adaptada para ser feita em casa pelos próprios pais, que devem, obviamente, passar por um treinamento sobre como ler para seus filhos de modo a tornar esse momento o mais prazeroso, interativo e educativo possível.

Portanto, esta seção evidencia que há escassez grande de trabalhos que avaliem projetos de estímulo à leitura parental. Na verdade, as avaliações encontradas envolvem mudanças de prática dentro das creches. O ponto positivo é que nas experiências avaliadas no *Survey*, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, o público-alvo das intervenções foram crianças com nível socioeconômico baixo e,

em ambos os casos, os programas foram bem-sucedidos em melhorar a capacidade de leitura das crianças. Por fim, o trabalho de Price (2010) permite constatar que, alguns anos depois, a frequência diária de leitura dos pais para os filhos tem efeito causal sobre o hábito e a capacidade leitora da criança.

### **8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade**

A literatura que relaciona leitura e aspectos não cognitivos é bem mais esparsa do que aquela que relaciona a leitura a aspectos cognitivos. Praticamente não encontramos resultados na literatura vinculando o efeito em longo prazo da prática de leitura ao desempenho não cognitivo dos indivíduos.

Em médio prazo, a exceção é o trabalho de Hale et al. (2011), que associa a “rotina noturna baseada em linguagem” para crianças de 3 anos com menores níveis de ansiedade e de comportamento agressivo, bem como com melhor qualidade do sono nessas mesmas crianças aos 5 anos, mesmo após controlar por características de *background* familiar.

Em curto prazo, destacamos o trabalho de Cabezas et al. (2011), que avaliou o impacto de um programa de tutoria de curta duração (três meses) para alunos da 4ª série no Chile, utilizando estudantes universitários voluntários como tutores. O objetivo do programa, denominado *Servicio País en Educación*, era tornar a leitura mais atraente para os alunos e, por meio desse projeto, melhorar o desempenho dos alunos em leitura.

O programa consistia em 15 sessões de 90 minutos nas quais os voluntários liam, com os estudantes da 4ª série do ensino fundamental, textos adequados a essa faixa etária. No grupo de escolas com baixa rotatividade de tutores, a formação do vínculo entre alunos e tutores, um aspecto importante do programa, foi maior.

Justamente as escolas de pior desempenho cognitivo antes do programa, com os alunos mais pobres, foram as únicas onde o projeto se mostrou efetivo, possivelmente devido à baixa rotatividade de tutores. É relevante notar que, cerca de um mês após o término do programa, os alunos dessas escolas tinham aumentado em cerca de 0,20 de desvio-padrão seu desempenho em um teste de leitura e melhorado significativamente sua autopercepção como leitores.

Diante da escassez de estudos sobre esse assunto, buscamos classificar a literatura correlata, que se concentra em dois aspectos: (1) na associação entre traços de personalidade relacionados à leitura e seu efeito sobre a leitura, uma relação inversa da buscada inicialmente neste trabalho; (2) no efeito que a leitura de obras de ficção provoca em traços de personalidade e de comportamento dos leitores.<sup>6</sup>

Dentro do primeiro bloco, a literatura também é bastante escassa, mas foram identificados dois trabalhos ligando traços de personalidade e leitura. O primeiro deles é o artigo de Shell et al. (1989), que examinou a relação entre autoeficácia, expectativas de resultado e desenvolvimento de leitura em 153 estudantes universitários de classe média. Foram avaliadas a eficácia para tarefas de leitura e as crenças individuais envolvendo expectativas de resultado. Mais especificamente, os estudantes foram indagados se habilidades de leitura são importantes para a realização de seus objetivos de vida. Os resultados indicaram que autoeficácia e crenças sobre expectativas de resultado são importantes fatores na conquista da leitura, sendo a autoeficácia o preditor mais forte deles.

Já Mistry et al. (2010) investigaram de que forma as práticas e os comportamentos parentais, tal como a prática de os pais lerem para os filhos, podem mediar a relação entre risco social e familiar da criança e dimensões cognitivas e não cognitivas da leitura na idade pré-escolar. Os autores investigaram dois indicadores da qualidade do ambiente familiar de crianças pertencentes a famílias de baixa renda e em situação de risco: o nível de relacionamento afetivo entre a criança e seu principal cuidador e a estimulação feita em casa quanto ao desenvolvimento da linguagem e da alfabetização. Os dados do estudo são oriundos do *National Early Head Start Research and Evaluation Project (NEHSREP)*, programa federal americano voltado para famílias de baixa renda com mulheres grávidas e crianças.

Todas as análises foram baseadas em um subconjunto de 1.851 crianças do programa. Os autores averiguaram que crianças em situações de risco familiar e social no primeiro ano de vida apresentam níveis mais baixos de desempenho cognitivo-escolar na idade de 5 anos (ratificando os resultados das seções anteriores). No entanto, esse risco mais alto afeta outras dimensões aos 5 anos, como o nível de atenção que a criança mantém ao realizar uma tarefa, e é um indicador de problemas de comportamento (que compreende agressividade, hiperatividade e comportamento arreadio).

Mas o ponto mais importante aqui é que as atitudes dos pais em termos de estimulação de leitura e alfabetização feita em casa atenuam esses efeitos negativos que uma situação de risco familiar

---

6. Traços de personalidade são definidos como “padrões duradouros de percepção, relacionamento e pensamento acerca do ambiente e de si próprio, que são exibidos em uma grande variedade de contextos sociais e pessoais” (APA, 2000). A teoria mais aceita atualmente (*Big Five*) diz que a personalidade humana pode ser classificada em cinco grandes traços de personalidade (abertura a novas experiências, amabilidade, extroversão, conscienciosidade e neuroticismo).

apresenta sobre as dimensões do bem-estar aos 5 e 6 anos de idade. No entanto, cabe destacar que, quanto maior o contexto de adversidade familiar vivenciado no primeiro ano de vida, menor a capacidade dessas práticas atenuarem os efeitos negativos dessa adversidade sobre o comportamento e a atenção da criança cinco anos à frente.

O segundo bloco de artigos busca relacionar a leitura e outras atividades que envolvem ficção com a alteração de algumas características de personalidade. Há evidências na literatura de que a leitura (especialmente a de ficção) tem a capacidade de modificar os traços de personalidade (Djikic et al., 2009) e está associada a um melhor desempenho em escalas de empatia e habilidades sociais (Mar et al., 2006).

A empatia envolve a capacidade de compreender o sentimento ou a reação de outra pessoa, imaginando-se nas mesmas circunstâncias que ela. Pode ser definida a partir de uma perspectiva multidimensional, tendo dimensões cognitivas e afetivas. A empatia afetiva é uma resposta emocional a situações vividas por outras pessoas, enquanto a empatia cognitiva é a capacidade de reconhecer e apreender os pensamentos e pontos de vista de outra pessoa. A literatura empírica mostra que quanto menos empática a pessoa, maior o nível de comportamento antissocial de crianças e adolescentes (Garaigordobil, 2009).

Vários pesquisadores acreditam que a empatia pode ajudar na criação e no desenvolvimento de relacionamentos e de interações sociais positivas. Algumas pesquisas provaram que a empatia se correlaciona positivamente com comportamentos sociais positivos (como consideração pelos outros) e com traços de personalidade (autoestima e autoconceito) e negativamente com ansiedade social<sup>7</sup> e comportamentos sociais negativos, como ser antissocial e se manter isolado (Gairagordobil, 2009).

Ler livros e assistir a filmes e peças de teatro são atividades que podem ser referidas como “experiências narrativas de ficção”. Além de proporcionarem às pessoas uma fonte de distração e entretenimento, elas podem ter um importante impacto na forma como as pessoas se sentem e se comportam em seu dia a dia. Por exemplo, textos de ficção podem fornecer *insights* pessoais e, portanto, são importantes para que as pessoas aprendam mais sobre si mesmas.

Uma direção que a investigação sobre os efeitos das experiências de ficção tem tomado é em relação aos seus efeitos sobre a empatia do leitor. As pessoas que leem muitos livros de ficção se tornariam

---

7. Ansiedade social pode ser entendida como o medo de interação com outras pessoas que leva o indivíduo a um sentimento de ser julgado e avaliado negativamente pelos outros, conseqüentemente influenciando o indivíduo a evitar se expor em público. Por exemplo, pessoas com alta ansiedade social não se sentem bem em situações em que são apresentadas a outras pessoas, quando são o centro das atenções, quando participam de reuniões sociais, especialmente com estranhos, entre outros aspectos.

mais empáticas porque a ficção é uma simulação de experiências sociais que leva os indivíduos a praticar e melhorar suas habilidades interpessoais.

O estudo de Bal e Veltkamp (2013) vai nessa direção. Os autores investigaram se experiências de ficção podem alterar a empatia do leitor. Com base na “teoria do transporte”, acredita-se que, quando as pessoas leem textos de ficção e são transportadas emocionalmente para a história, elas se tornam mais empáticas.

Dois experimentos feitos por esses pesquisadores mostraram que a empatia é influenciada apenas quando a pessoa se envolve emocionalmente com a história. Um dos experimentos mostrou que um alto envolvimento emocional levou a maior empatia entre os leitores de ficção. Esses efeitos não foram encontrados nas pessoas da condição de controle (leitores de não ficção).

Zahid e Munir (2012), por sua vez, investigaram se a leitura de textos de ficção pode melhorar a empatia e diminuir a ansiedade social. O objetivo do estudo foi comparar os níveis de empatia e de ansiedade social de leitores de ficção e de não ficção.

Foram aplicados questionários a cinquenta leitores de ficção e cinquenta de não ficção, estudantes da Universidade de Punjab, em Lahore (Paquistão). Os resultados do trabalho não revelaram nenhuma diferença significativa nos níveis de empatia ou ansiedade social entre os leitores de ficção e os de não ficção. No entanto, encontrou-se uma significativa correlação negativa entre a empatia e a ansiedade social, significando que pessoas com altos escores de empatia apresentavam baixos escores de ansiedade social.

O experimento de Djikic et al. (2009) testou a hipótese, em estudantes universitários, de que a arte pode causar mudanças significativas nos traços de personalidade em condições de laboratório. Depois de completar um conjunto de questionários, incluindo o *Big-Five Inventory (BFI)* e uma lista de verificação emocional, o grupo experimental leu o conto *The Lady With the Toy Dog*, de Tchekhov<sup>8</sup>, enquanto o grupo-controle leu um texto comparativo com o mesmo conteúdo da história citada, mas em forma de documentário. O texto comparativo foi controlado pela extensão, legibilidade, complexidade e nível de interesse. Os participantes, em seguida, completaram novamente o *BFI* e a lista de verificação emocional, colocados, dessa vez, aleatoriamente dentro de um conjunto maior de questionários.

Os resultados mostraram que o grupo experimental apresentou maiores mudanças em relação aos traços de personalidade que o grupo-controle, e que a emoção apresentou um papel mediador

---

8. Ambientado na Rússia e escrito em 1899, o conto relata o caso de adultério entre um banqueiro infiel e uma jovem, também casada, mas muito mais jovem que ele.



nesse processo. Cabe destacar que o autor não analisou a mudança separadamente de cada um dos cinco traços de personalidade do Big Five. Ross (1999)<sup>9</sup> também constatou que, em sua amostra de 194 leitores habituais, 60% consideraram o ato de ler como uma experiência pessoal transformadora. Parece portanto que, literalmente, muitos indivíduos atribuem aos livros lidos a responsabilidade por suas mudanças.

Segundo Mar et al. (2006), leitores frequentes são muitas vezes estereotipados como “nerds” e isso parece valer mais para leitores de não ficção do que para os de ficção. Compreender personagens em uma narrativa de ficção aparentemente está relacionado com a compreensão de indivíduos no mundo real, enquanto a compreensão das narrativas de não ficção não partilha do mesmo paralelo.

Leitores de ficção podem reforçar ou manter suas habilidades sociais, ao contrário dos leitores frequentes de não ficção. No seu trabalho, Mar et al. (2006) analisaram a exposição ao longo da vida a textos de ficção e de não ficção, juntamente com a empatia e a habilidade social. Os resultados do trabalho mostram que, em geral, a exposição aos livros de ficção prevê positivamente as medidas de habilidades sociais, enquanto a exposição aos livros de não ficção mostrou-se um preditor negativo. A tendência a “mergulhar” na história também se mostrou positivamente correlacionada com o grau de empatia, mesmo após controle por idade e inteligência.

De fato, Gerrig (1993)<sup>10</sup> analisa como histórias podem atrair e capturar seus leitores. Ele empregou uma metáfora da viagem, descrevendo como um bom trabalho de ficção pode “transportar” um leitor para tempos e lugares diferentes. Uma vez transportado, aquele leitor vai experimentar pensamentos e emoções que se baseiam no contexto ficcional. Tais pensamentos e experiências não são apenas uma forma de entretenimento, mas deixam consequências duradouras no mundo real. As pessoas falam de certos livros favoritos, por exemplo, como “marcos de mudança de vida” e é comum que sentimentos de tristeza ou de euforia persistam após o fechamento das páginas de um livro.

Uma teoria relativamente recente de Zwaan (2004)<sup>11</sup> incorpora os paralelos entre o mundo real e o processamento de textos. Ele levanta a hipótese de que as palavras automaticamente ativam eventos neurais semelhantes aos que ocorrem durante a experiência real desses leitores. Assim, a leitura de interações sociais complexas, tais como aquelas comumente descritas em narrativas de ficção, teoricamente usam substratos neurais semelhantes aos utilizados em situações reais vividas pelo indivíduo.

---

9. Apud Mar et al. (2006).

10. Apud Mar et al. (2006).

11. Apud Mar et al. (2006).

Em suma, a literatura que busca avaliar o efeito da leitura parental sobre habilidades não cognitivas das crianças é bastante escassa. Basicamente, é possível identificar uma relação entre leitura feita antes de dormir com a qualidade do sono infantil e que essa qualidade, por sua vez, contribui para diminuir a agressividade e a ansiedade infantil<sup>12</sup>.

Também se pode concluir que o estímulo dos pais em termos de leitura em casa contribui para que o nível de atenção ao realizar uma tarefa, bem como a agressividade, a hiperatividade e o comportamento arreadio melhorem aos cinco e seis anos. O próprio hábito de leitura melhora a autopercepção da criança como boa leitora.

Outra conclusão é que a leitura de obras de ficção pela própria pessoa tende a melhorar sua empatia (capacidade de se colocar no lugar do outro) e suas habilidades sociais, embora os trabalhos nessa literatura foquem na população adolescente e adulta.

Em termos dos traços de personalidade do *Big Five*, os que são afetados pela leitura de ficção estão relacionados a amabilidade (empatia), extroversão (habilidades sociais) e conscienciosidade (autoeficácia). Por sua vez, a leitura parental na hora de dormir pode afetar fatores ligados ao neuroticismo (ansiedade, agressividade).

## Considerações finais

A presente pesquisa demonstrou que a habilidade de leitura em torno dos 7 anos de idade se mostrou positivamente associada ao nível socioeconômico, escores de inteligência, motivação acadêmica e anos de escolaridade aos 42 anos. Portanto, o desenvolvimento dessa habilidade no início do ensino fundamental tem consequências de longo prazo na vida dos indivíduos, o que evidencia sua importância. Desse modo, procurar caracterizar como a leitura feita pelos pais para as crianças durante os primeiros anos de vida afeta essa capacidade leitora nos fornece elementos importantes para que se possa prescrever ações ou políticas que levem a melhorar o desenvolvimento das habilidades de leitura desde o início do processo de alfabetização.

---

12. Cabe destacar que há consenso na literatura relacionando diretamente a qualidade do sono infantil com a obesidade infantil (Liu et al., – “Sleep duration and overweight/obesity in children: Review and implications for pediatric nursing”, *Journal for Specialists in Pediatric Nursing*, v. 17, n. 3, p. 193-204, 2012).

De certo modo, podemos dizer que não há consenso na literatura sobre que tipo de prática dos pais seria mais efetiva para aumentar a capacidade leitora das crianças. Por um lado, há evidências fortes de que a leitura de livros compartilhada entre pais e filhos ajuda no desenvolvimento do vocabulário e da consciência fonológica da criança. Por outro, embora menos consensual, práticas de alfabetização por parte dos pais (como ensinar letras e palavras novas) aparentemente também contribuem nesse sentido.

Para se ter uma ideia da dificuldade em construir uma conclusão geral acerca da importância relativa dessas práticas, a língua em que a criança está sendo alfabetizada pode ser determinante nesse processo. Assim, em línguas com menor consistência ortográfica (como o inglês), é possível que os pais tenham de dedicar mais tempo a atividades de alfabetização do que em outras línguas, o que, nesse caso, aumentaria a vantagem relativa das atividades de leitura compartilhada de livros, em vez de uma prática de alfabetização mais formal. Assim, a importância relativa de “leitura dos pais” *versus* “alfabetização” dificilmente pode ser generalizada, uma vez que, em línguas com menor consistência ortográfica, os pais teriam de dedicar mais tempo ao processo de alfabetização.

Uma lacuna importante na literatura é que os estudos focam sua análise das atividades de leitura parental em indicadores relacionados à questão da linguagem (vocabulário, compreensão de texto, capacidade de leitura, reconhecimento de palavras etc.), seja na própria primeira infância, seja na faixa etária dos 7 aos 10 anos.

Com relação a práticas que seriam eficazes em desenvolver a capacidade leitora das crianças durante a primeira infância, podemos citar a leitura dialogada entre pais e filhos, que se mostrou consensual na literatura como ferramenta de desenvolvimento cognitivo da criança. Em particular, realizar atividades de leitura antes de dormir também contribui para a diminuição da ansiedade e da agressividade das crianças.

Por outro lado, como já apontado anteriormente, práticas formais de alfabetização nas quais os pais procuram alfabetizar ativamente as crianças também parecem ter impacto, embora nesse caso os resultados não sejam consensuais.

O fato de os filhos verem os pais lendo também serve de exemplo e estímulo para que a criança desenvolva o gosto pela leitura e adquira seu hábito. No entanto, a literatura não apresenta resultados de programas ou políticas sistemáticos especificamente voltados para que os pais desenvolvam essas atividades em casa.

Outro aspecto importante nessa literatura é que tanto a leitura dos pais não é igual de um filho para o outro, como os efeitos dessa leitura parental variam conforme as características de cada criança.

A literatura é consensual em apontar que pais de meninas, de primogênitos e de filhos de mães com alta escolaridade dedicam mais tempo de leitura aos seus filhos até, pelo menos, os 6 anos de idade. Em parte devido a essa maior exposição à leitura parental, os trabalhos analisados apontam que esses mesmos grupos de crianças acabam desenvolvendo maior habilidade leitora, seja no início da alfabetização (de 6 a 7 anos), seja dos 10 aos 11 anos de idade.

De modo geral, a explicação para essa menor dedicação de leitura é explicada pela menor disponibilidade de tempo, no caso dos primogênitos, embora haja muito espaço na literatura para que se compreenda melhor essa distribuição desigual do tempo de leitura entre o primogênito e os demais filhos.

Por sua vez, a maior dedicação às meninas é explicada pelo fato de os meninos serem, em geral, menos verbais. No entanto, também aqui a evidência empírica é escassa, ficando muito mais no campo das hipóteses do que de uma efetiva verificação da causa dessa diferenciação por gênero.

Já mães com baixa escolaridade poderiam ter maior dificuldade ou menor consciência sobre a importância dessas atividades de leitura compartilhada, embora, novamente, a literatura seja insuficiente em fornecer elementos que ratifiquem empiricamente essa explicação. Uma das principais lacunas encontradas na literatura foi a grande escassez de artigos avaliando intervenções que buscassem especificamente estimular a leitura parental para os filhos no ambiente doméstico. Na verdade, os poucos estudos se concentram em intervenções dentro da escola. Dada a relevância desse tipo de atividade dentro de casa para o desenvolvimento da criança, é importante que programas dessa natureza sejam avaliados, a fim de que boas práticas possam ser disseminadas e mais pais passem a ler para seus filhos com uma frequência cada vez maior.

Finalmente, percebe-se uma grande lacuna na literatura no que se refere aos efeitos da leitura parental durante a primeira infância sobre características não cognitivas das crianças, tanto no momento da pesquisa como em médio e longo prazos.

Apenas atividades de rotina noturna baseadas em linguagem se mostraram ligadas à diminuição da ansiedade e da agressividade em crianças de até 6 anos. No entanto, não se encontraram estudos que analisem o impacto de intervenções dessa natureza em outras dimensões da personalidade.

Na verdade, em jovens e adultos, há boa documentação de que a leitura de textos de ficção está relacionada a maiores níveis de empatia e habilidade social. A ausência de avaliação de projetos específicos para estímulo da leitura parental também acaba gerando uma lacuna sobre os efeitos dessas políticas em aspectos não cognitivos das crianças.

## Fichas-resumo dos textos abordados

Nome do artigo	<i>Reading to Young Children: A Head-Start in Life?</i>
Ano	2013
Autores	KALB, Guyonne; OURS, Jan C. van
Fonte – endereço web	<a href="http://www.melbourneinstitute.com/downloads/working_paper_series/wp2013n17.pdf">http://www.melbourneinstitute.com/downloads/working_paper_series/wp2013n17.pdf</a>
Resumo do texto	O artigo investiga a importância da leitura feita pelos pais para seus filhos. Utilizando dados australianos, os autores descobriram que a leitura feita por pais para crianças com idade de 4 a 5 anos tem efeitos positivos e significativos sobre as habilidades de leitura e habilidades cognitivas dessas crianças, pelo menos até a idade de 10 ou 11 anos.
Seções da pesquisa	3. O efeito da leitura é duradouro? Qual o impacto de longo prazo? 6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura?
Número de citações	–
Tipo de texto	<i>Working paper</i>
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos e não cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar / desenvolvimento integral?	Não mostra
Métodos de inferência	Utilizam variáveis instrumentais e <i>propensity score matching</i> . VLs: se a criança é a mais velha na família e o número de irmãos no momento em que se avalia quanto foi lido para a criança. Ambas as variáveis estão associadas ao tempo que os pais dispõem para a criança, afetando a intensidade com que leem. Hipótese de identificação é que tais variáveis não afetam diretamente a habilidade de leitura da criança. PSM: pareamento (em características observáveis) de crianças cujos pais leem pouco (ou com pouca frequência) com crianças cujos pais leem bastante.
Tamanho da amostra	Cerca de 4 mil crianças
Universo representado	País (Austrália)
Base de informação utilizada	O trabalho usa os dados do <i>Longitudinal Study of Australian Children (LSAC)</i> , um conjunto de dados de painel na forma de coorte bienal. O LSAC começou em 2004. A informação é proveniente de duas coortes: a de crianças que nasceram em um período de 12 meses a partir de março de 2003 a fevereiro de 2004 (coorte B); e a de crianças que nasceram entre março de 1999 e fevereiro de 2000 (coorte K). O LSAC é financiado pelo Departamento de Governo Australiano das Famílias, Habitação, Comunidade, Serviços e Assuntos Indígenas ( <i>FaHCSIA</i> ) e é administrado pelo Instituto Australiano de Estudos da Família ( <i>AIFS</i> ).
Outras variáveis de controle usadas	<i>Non-English spoken at home; Child likes physical activity; Child is in poor health; Special needs child; Children's books at home; Watching TV weekdays; Watching TV weekends; Number of televisions; Use computer weekdays; Use computer weekends; Log household income; Parent education; Computer access; Age second parent squared; Age first and second parent; Child is oldest child; Number of siblings.</i>
Instrumentos usados	1. Para medir as habilidades de linguagem das crianças, foi utilizado o <i>Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT)</i> 2. Para medir habilidades de leitura das crianças, os pesquisadores perguntaram aos pais (ou cuidadores) e aos professores sobre a capacidade de leitura das crianças. 3. Também foi medido o desempenho dos alunos com base em seu desempenho em provas nacionais (para <i>Literacy e Numeracy</i> ), <i>NAPLAN</i> . 4. Foram usados ainda os resultados cognitivos do LSAC.
Alcance do impacto	Em termos de habilidades cognitivas aos 4 e 5 anos, os meninos tiveram aumento de meio desvio-padrão quando seus pais liam para eles de três a cinco vezes por semana. Já meninos para os quais se leu de seis a sete dias por semana tiveram aumento de cerca de um desvio-padrão em habilidades cognitivas.
Heterogeneidade do impacto	Os efeitos observados são ligeiramente maiores para as meninas do que para os meninos.
Duração do impacto	De 6 a 7 anos

Comentários e conclusões	<p>Embora os resultados do trabalho não sejam plenamente conclusivos, eles fornecem suporte substancial para um efeito causal da leitura dos pais para crianças pequenas na habilidade de leitura infantil. Também foi usada uma variedade de medidas de habilidade de leitura infantil, além de medidas de habilidades cognitivas em diferentes idades (<i>Peabody Picture Vocabulary Test – PPVT</i>), habilidades de escrita reportadas pelos professores e desempenho em avaliação externa nacional (<i>NAPLAN</i>), bem como índice de resultados cognitivos do <i>LSAC</i> e de diferentes metodologias. Os dados obtidos possibilitam estudar a persistência do efeito "ler para", uma vez que nos permitem seguir as crianças até as idades de 10 a 11 anos. Reportam baixa correlação entre indicador não cognitivo <i>LSAC</i> aos 4 e 5 anos e frequência de leitura dos pais nessa mesma idade, mas não são o ponto-chave do artigo.</p>
--------------------------	--

Nome do artigo	<i>Learning to Read and Write: A Longitudinal Study of 54 Children From First Through Fourth Grades</i>
Ano	1988
Autora	JUEL, Connie
Fonte – endereço web	<a href="http://psycnet.apa.org/journals/edu/80/4/437">http://psycnet.apa.org/journals/edu/80/4/437</a>
Resumo do texto	<p>O trabalho foca no desenvolvimento da alfabetização de crianças até a 4ª série e seguiu um estudo anterior (JUEL, Griffith e Gough, 1986). O autor deu especial atenção às perguntas: "Será que as mesmas crianças permanecem lendo mal ano após ano?"; "Será que as mesmas crianças continuam escrevendo mal ano após ano?"; "Quais habilidades quem lê mal não tem?"; "Quais habilidades quem escreve mal não tem?"; "Quais fatores impedem a melhora de quem lê mal?"; "Quais fatores impedem a melhora de quem escreve mal?". De acordo com os resultados da pesquisa, a probabilidade de que uma criança permaneça um mau leitor no final da quarta série (se essa criança era um mau leitor no final do primeiro ano) foi de 0,88. A habilidade da escrita precoce não prevê a habilidade de escrita tardia. Já a capacidade de leitura precoce prevê a capacidade de leitura tardia. Crianças que se tornaram maus leitores entraram na 1ª série com pouca consciência fonológica. Até o final do 4º ano, os maus leitores ainda não tinham alcançado a habilidade de decodificação alcançada pelos bons leitores no início do 2º ano. Bons leitores leem muito mais do que os maus leitores, dentro e fora da escola, o que parece contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita desses sujeitos (por exemplo, no surgimento de ideias para histórias). Pessoas com dificuldades de leitura tendem a se tornar pessoas com dificuldade de escrita.</p>
Seção da pesquisa	2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências?
Número de citações	1.828
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura sobre escrita da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Análise de regressão
Tamanho da amostra	54 crianças de baixo nível socioeconômico. Eram 26% crianças anglo-americanas, 31% negras e 43% hispano-americanas. Foram 31 meninas e 23 meninos.
Universo representado	Austin, Texas, para crianças de baixo nível socioeconômico
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo (testes com crianças)
Outras variáveis de controle usadas	Não apresenta as regressões explicitamente, apenas comenta ao longo do texto que usou regressão e que, controlando pela variável "X", o fato de ler mal anteriormente está relacionado a ler mal no futuro.

Instrumentos usados	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Para medir consciência fonêmica, foi utilizado o teste <i>Phonemic Awareness</i>, desenvolvido por Roper e Schneider, 1984.</li> <li>2. Para medir <i>Decoding</i>, foi aplicado individualmente o <i>Bryant Test of Basic Decoding Skill (BTBDS)</i>, Bryant, 1975.</li> <li>3. Para medir o reconhecimento de palavras, foram realizados três testes em períodos diferentes. Primeiro foi apresentada aos alunos uma lista de palavras que eles deveriam ler. Na etapa seguinte, a escola aplicou o <i>Iowa Test of Basic Skills (ITBS)</i>, de Hieronymous, Lindquist, &amp; Hoover, 1980. Por fim, foi aplicado o <i>Wide Range Achievement Test (WRAT)</i>, de Jastak, Bijou &amp; Jastak, 1978.</li> <li>4. Para medir a compreensão auditiva, foi aplicado pela escola o <i>Metropolitan Readiness Test (MRT)</i>, de Nurse &amp; McGauvran (1976).</li> <li>5. Para medir a compreensão de leitura dos alunos, foi aplicado o subteste de compreensão de leitura do ITBS.</li> <li>6. A cada ano foi perguntado para as crianças sobre seus hábitos de leitura em casa, a fim de medir o grau de dedicação a essa atividade.</li> <li>7. Também foi perguntado anualmente aos alunos sua postura diante da leitura, isto é, eram dadas duas atividades para eles escolherem, sendo que uma dessas atividades era a leitura. Um exemplo dessa pergunta seria: "Você prefere ver TV ou ler?".</li> <li>8. Para medir o QI, foi aplicado o <i>Wechsler Intelligence Scale for Children-Revised (WISC-R)</i>, Wechsler, 1974.</li> <li>9. Para medir a ortografia (<i>spelling</i>), foram aplicados o WRAT e o ITBS.</li> <li>10. Para medir a escrita, foi pedido para as crianças escreverem sobre imagens mostradas a elas e sobre situações hipotéticas.</li> <li>11. Para medir ideias, uma semana após a prova de escrita, foi pedido para as crianças contarem oralmente a história que elas escreveram na prova.</li> </ol>
Alcance do impacto	<p><i>Do the Same Children Remain Poor Readers Year After Year?</i>  <i>The probability that a child would remain a poor reader at the end of fourth grade, if the child was a poor reader at the end of first grade was .88; the probability that a child would become a poor reader in fourth grade if he or she had at least average reading skills in first grade was .12. The probability that a child would remain an average reader in fourth grade if the child had average reading ability in first grade was .87; the probability that a child would become an average reader in fourth grade if he or she was a poor reader in first grade was only .13.</i></p>
Heterogeneidade do impacto	Não analisa
Duração do impacto	4 anos
Comentários e conclusões	<p>Parece provável que a leitura frequente (ou a contação de histórias para as crianças) seja importante para a aquisição de ideias que inspirem as crianças a escrever suas próprias histórias. A discreta correlação observada entre a capacidade de ler bem e escrever bem pode ser explicada pelo fato de que quem lê bem simplesmente lê mais e, ao longo do tempo, tem maior contato com vocabulário e ideias que podem ser incorporados à sua escrita.</p>



<b>Nome do artigo</b>	<b><i>Long-Term Outcomes of Early Reading Intervention</i></b>
Ano	2007
Autoras	HURRY, Jane; SYLVA, Kathy
Fonte – endereço web	<a href="http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9817.2007.00338.x/full">http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9817.2007.00338.x/full</a>
Resumo do texto	<p>Esse estudo explora a eficácia, em longo prazo, de dois modelos diferentes de intervenção precoce para crianças com dificuldades de leitura: uma recuperação de leitura e um treinamento fonológico específico. Fizeram pré-testes com cerca de 400 crianças, sendo que 95 delas foram direcionadas para a recuperação de leitura, 97 para o treinamento fonológico e as demais formaram o grupo-controle. Em curto e médio prazos, ambas as intervenções melhoraram significativamente a capacidade de leitura das crianças, tendo a recuperação de leitura um efeito mais amplo e intenso. No longo prazo, três anos e meio após a intervenção não foram percebidos efeitos significativos sobre a leitura de forma geral, porém o processo de recuperação de leitura teve um efeito significativo para um subgrupo de crianças que era formado por analfabetos aos 6 anos de idade. Já o treinamento fonológico teve um efeito significativo sobre a ortografia. Os efeitos em curto e médio prazos demonstraram que é possível reduzir substancialmente os problemas de leitura das crianças. Já os efeitos em longo prazo levantaram dúvidas sobre a confiabilidade da intervenção precoce isoladamente.</p>
Seção da pesquisa	5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes?
Número de citações	32
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura sobre o aspecto cognitivo da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim, embora não seja persistente.
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Análise de regressão, com dados longitudinais
Tamanho da amostra	400 crianças
Universo representado	Crianças com dificuldade de leitura
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	-
Instrumentos usados	-
Alcance do impacto	O presente estudo concluiu que a tendência para crianças que leem mal após o primeiro ano na escola é que continuem a ler mal nos anos seguintes, com atraso nos processos de leitura e escrita de, em média, um ano e meio a dois anos em relação à sua idade cronológica.
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	4 anos
Comentários e conclusões	O presente estudo concluiu que as crianças que leem mal após o primeiro ano na escola tendem a continuar a ler mal nos anos seguintes, com um atraso nos processos de leitura e escrita de, em média, um ano e meio a dois anos em relação à sua idade cronológica. Segundo os autores, a intervenção precoce, embora seja eficaz em curto prazo, não previne problemas em anos posteriores. Destaque-se que a intervenção foi realizada no ambiente escolar, e não com a família.

Nome do artigo	<i>Parent Involvement in Early Intervention for Disadvantaged Children: Does It Matter?</i>
Ano	1999
Autores	MIEDDEL, Wendy T.; REYNOLDS, Arthur J.
Fonte – endereço web	<a href="http://dx.doi.org/10.1016/S0022-4405(99)00023-0">http://dx.doi.org/10.1016/S0022-4405(99)00023-0</a>
Resumo do texto	Esse estudo investigou a associação entre o envolvimento e a intervenção precoce de pais (durante as fases pré-escolar e de jardim de infância) e a competência escolar futura das crianças. Pais (n = 704) de crianças que participaram do Estudo Longitudinal de Chicago ( <i>Chicago Longitudinal Study</i> ) foram entrevistados sobre o seu envolvimento (em atividades escolares) na fase de pré-escola e/ou de jardim de infância de seus filhos. Os pais relataram as atividades em que participaram e a frequência de sua participação. Os resultados indicaram que, mesmo após o controle de antecedentes familiares, o número de atividades em que os pais participaram no jardim de infância e na pré-escola foi significativamente associado com a aquisição da leitura, com menores taxas de repetência na idade de 14 anos (8ª série) e com menos anos de educação especial. Análises confirmatórias indicaram que o envolvimento dos pais na 1ª e 2ª séries foi significativamente associado à habilidade da leitura na 8ª série, com taxas de repetência mais baixas e com menores taxas de educação especial até a 8ª série. Esses resultados dão suporte aos benefícios do envolvimento dos pais em programas para a primeira infância.
Seção da pesquisa	3. O efeito da leitura é duradouro? Qual o impacto em longo prazo?
Número de citações	301
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	A ligação entre o envolvimento (precoce) dos pais e o sucesso escolar dos filhos
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Sim
Métodos de inferência	Análise de regressão multinível (capacidade leitora) e regressão logística (repetência na 8ª série)
Tamanho da amostra	704 pais (ou parentes próximos)
Universo representado	Chicago
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo (questionário), com os participantes da pesquisa selecionados pelo <i>Chicago Longitudinal Study (CLS)</i> . O <i>CLS</i> é uma pesquisa financiada pelo governo federal americano sobre os efeitos de uma intervenção precoce e extensa na infância na cidade de Chicago. O estudo começou em 1986 para investigar os efeitos de programas de pré-escola e jardim de infância para 1.539 crianças nas escolas públicas de Chicago.
Outras variáveis de controle usadas	<i>Background</i> familiar e participação no programa <i>CPC</i> e no <i>Iowa Test of Basic Skills (ITBS) Early Primary Battery</i> (Level 5; Hieronymus, Lindquist, & Hoover, 1980) no início do jardim de infância (outono de 1985).
Instrumentos usados	1. Para medir o desempenho de leitura na pré-escola, foi utilizado o <i>Iowa Test of Basic Skills (ITBS) (Early Primary Battery, Form 7 Level 5; Hieronymus et al., 1980)</i> . 2. Para medir o desempenho de leitura na 8ª série, foi utilizado o <i>ITBS Level 13/14 (Hieronymus &amp; Hoover, 1990)</i> .
Alcance do impacto	<i>Children whose parents reported being involved in school weekly or more were 38% less likely to be retained through age 14 after taking into account child and family background and participation in the CPC program. Participation in five parent activities was associated with approximately a 3-month increase in kindergarten reading achievement and approximately a 7-month increase in eighth-grade reading achievement. Thus, as the number of activities a parent reported being involved with increases, so does reading achievement.</i>
Heterogeneidade do impacto	Não
Duração do impacto	Mede o impacto sete anos à frente da intervenção.
Comentários e conclusões	O envolvimento precoce dos pais é um importante componente na primeira infância dos filhos e é algo que deveria ser incentivado, por fornecer uma base sólida para as relações entre a família e a escola, o que poderia promover transições bem-sucedidas para a 1ª série. Os autores enfatizam que o envolvimento dos pais pode ser especialmente relevante nas escolas com grande número de crianças pobres. Mostram que o envolvimento dos pais pode ser um fator protetor na luta contra as condições de risco que podem levar ao insucesso escolar.

Nome do artigo	<b><i>A Book Reading Intervention with Preschool Children Who Have Limited Vocabularies: the Benefits of Regular Reading and Dialogic Reading</i></b>
Ano	2000
Autoras	HARGRAVE, Anne C.; SÉNÉCHAL, Monique
Fonte – endereço web	<a href="http://dx.doi.org/10.1016/S0885-2006(99)00038-1">http://dx.doi.org/10.1016/S0885-2006(99)00038-1</a>
Resumo do texto	Os autores examinaram os efeitos da leitura de contos de fadas na aquisição do vocabulário de 36 crianças na pré-escola que tinham habilidades pouco expressivas de vocabulário (em média com 13 meses de atraso em relação à idade cronológica). Os autores testaram se os efeitos benéficos da leitura de contos de fadas seriam maiores quando as crianças eram participantes ativas, em comparação às crianças que participavam como ouvintes passivos nas situações normais de leitura de livros. Essas leituras ocorreram em grupos de oito crianças e todas elas foram expostas aos mesmos livros, lidos duas vezes cada um. Os resultados desse estudo revelaram que crianças com vocabulários limitados aprenderam novos vocábulos a partir da leitura compartilhada/dialogada. Essas crianças que participaram da leitura dialogada tiveram ganhos significativamente maiores na aquisição do vocabulário, bem como ganhos expressivos em um teste padronizado de vocabulário, em comparação com crianças em situação regular de leitura de livros.
Seções da pesquisa	3. O efeito da leitura é duradouro? Qual o impacto de longo prazo? 5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes? 6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura?
Número de citações	306
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre o aspecto cognitivo da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim. Efeito da leitura na aquisição de novos vocábulos
Impacto sobre não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Não mostra
Método de inferência	Análise de correlação, com medidas antes e depois da intervenção
Tamanho da amostra	36 crianças na pré-escola
Universo representado	Grupo de crianças em idade pré-escolar com vocabulário pobre
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	–
Instrumentos usados	1. O vocabulário receptivo foi medido por meio do <i>Peabody Picture Vocabulary Test–Revised (PPVT-R)</i> , Dunn & Dunn, 1981. 2. O vocabulário expressivo foi medido por meio do <i>Expressive One Word Picture Vocabulary Test–Revised (EOWPVT-R)</i> , Gardner, 1990.
Alcance do impacto	-
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	Avaliado quatro semanas após a intervenção
Comentários e conclusões	Os resultados do presente estudo mostraram que crianças na fase pré-escolar com habilidades reduzidas de vocabulário (principalmente aquelas provenientes de famílias de baixa renda) poderiam ampliar significativamente seu repertório vocabular pela escuta regular e participativa/dialogada de histórias. Os benefícios da leitura de histórias infantis por adultos foram evidentes tanto para crianças em ambientes regulares de leitura (ouvintes passivos) quanto para crianças colocadas na condição de leitura dialogada. Esses benefícios foram mais significativos para as crianças do grupo de leitura dialogada. Os ganhos na linguagem devido à exposição a livros de histórias foram obtidos mesmo em um período relativamente curto de tempo (quatro semanas). Tomados em conjunto, esses resultados devem ser encorajadores para pais, cuidadores e professores de creches e outras escolas de ensino infantil. A participação dos pais no processo não foi estatisticamente correlacionada aos resultados pós-intervenção (o projeto previa intervenções na escola e dos pais).

Nome do artigo	<i>Mother-Child Bookreading in Low-Income Families: Correlates and Outcomes During the First Three Years of Life</i>
Ano	2006
Autoras	RAIKES, H.; PAN, B.A.; LUZE, G. et al.
Fonte – endereço web	<a href="http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8624.2006.00911.x/full">http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8624.2006.00911.x/full</a>
Resumo do texto	Raikes et al. (2006) estudaram uma amostra de famílias de baixa renda e encontraram ligações fundamentais entre o hábito de leitura diária feita pela mãe, o desenvolvimento da linguagem infantil e o desenvolvimento cognitivo nas idades de 14, 24 e 36 meses. Associações positivas entre a leitura materna, o desenvolvimento da linguagem da criança e o desenvolvimento cognitivo eram aparentes em torno dos 36 meses de idade. O tempo de leitura diária feita por mães para seus filhos depende, entre outros fatores, do fato de a criança ser primogênita ou não e do grau de escolarização materna. Houve propensão para que primogênitos ouvissem histórias mais frequentemente do que outros filhos nascidos depois, possivelmente porque o primeiro filho exige menos tempo materno. Segundo o trabalho, de modo geral as mães leram todos os dias com menor frequência para os meninos, se comparado com as meninas, possivelmente porque os pais percebiam os meninos como menos verbais, mais ativos ou com maiores dificuldades de envolvimento em atividades de leitura. Mesmo após o controle de uma série de fatores de pais e filhos, a leitura parental mostrou-se fortemente associada ao desenvolvimento da linguagem infantil.
Seções da pesquisa	4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante? 6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura?
Número de citações	224
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre o aspecto cognitivo da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim, leitura melhora o vocabulário das crianças.
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Análise de regressão, com dados em painel
Tamanho da amostra	2.581 mães
Universo representado	?
Base de informação utilizada	Os dados para esse estudo foram coletados do <i>Early Head Start Research and Evaluation Project</i> . De 1996 a 1999, 3.001 crianças e famílias no nível de pobreza ou abaixo dele foram recrutadas pelo programa <i>Early Head Start</i> e divididas aleatoriamente no programa e em grupos-controle. Nesse programa, as famílias podem se inscrever enquanto a mãe está grávida, ou a qualquer tempo antes do primeiro aniversário da criança. Durante a inscrição no programa, coletaram-se as informações utilizadas no trabalho, que foram atualizadas durante cada avaliação. As avaliações foram realizadas quando as crianças estavam com 14, 24, e 36 meses de idade.
Outras variáveis de controle usadas	Raça, habilidade verbal da mãe, escolaridade da mãe, se o filho era primogênito, sexo do filho.
Instrumentos usados	1. Para medir a habilidade de expressão verbal da mãe, foi utilizado o <i>Woodcock – Johnson Psychoeducational Battery – Revised, Picture Vocabulary Test (WJ)</i> . 2. Também foi perguntado às mães com que frequência elas liam histórias para seus filhos. 3. Para medir aspectos de linguagem e cognitivos, foram utilizados <i>Primary Scale of MacArthur Communicative Development Inventories (CDI), Short Form</i> (Fenson et al., 2000) e <i>Primary PPVT – III</i> (Dunn & Dunn, 1997).
Alcance do Impacto	-
Heterogeneidade do impacto	Sim. Meninas eram mais propensas ao sucesso no processo
Duração do impacto	Até 3 anos
Comentários e conclusões	Cerca de metade das 2.581 mães de baixa renda avaliadas no estudo relatou ter o hábito da leitura diária para seus filhos. Aos 14 meses, as chances de leitura diária aumentavam quando a criança era primogênita ou do sexo feminino. Aos 24 e 36 meses, essas chances aumentavam de acordo com a habilidade verbal materna e com seu nível de instrução/educação. Segundo o estudo, mães americanas brancas liam mais do que mães hispânicas ou afro-americanas. Análises de regressão sugerem relações recíprocas entre hábito de leitura parental e melhoria do vocabulário das crianças.

Nome do artigo	<i>The Effects of Parental Reading Socialization and Early School Involvement on Children's Academic Performance: A Panel Study of Primary School Pupils in the Netherlands</i>
Ano	2011
Autores	KLOOSTERMAN, Rianne; NOTTEN, Natascha; TOLSMA, Jochem; KRAAYKAMP, Gerbert
Fonte – endereço web	<a href="http://esr.oxfordjournals.org/content/27/3/291.short">http://esr.oxfordjournals.org/content/27/3/291.short</a>
Resumo do texto	Esse estudo examina em que medida, durante as séries do ensino primário, a socialização de leitura em casa entre pais e filhos (aqui incluído o hábito de ler para as crianças e o exemplo de leitura parental) e o envolvimento escolar precoce de pais influenciam nas diferenças de desempenho de crianças pertencentes a níveis socioeconômicos distintos. Os pesquisadores investigaram não só os efeitos diretos dessas práticas parentais sobre o desempenho acadêmico das crianças, mas também seus efeitos indiretos. Dados de painel foram empregados a partir do estudo de uma coorte de educação primária holandesa (PRIMA), iniciada em 1996-1997. Usando modelos multiníveis (medição repetida), os pesquisadores acharam que tanto a socialização de leitura entre pais e filhos quanto o envolvimento parental precoce na escola podem explicar parte da associação entre origem social e desempenho acadêmico em sucessivos anos da escola primária. O impacto positivo desses fatores, no entanto, é mais pronunciado para o desempenho da linguagem infantil se comparado ao aprendizado matemático. O trabalho mostrou ainda que a prática de socialização de leitura entre pais e filhos mantém, ou mesmo amplia, as habilidades dessas crianças em comparação a outras crianças que não participaram das mesmas atividades de socialização de leitura precoce.
Seção na pesquisa	2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências?
Número de citações	19
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre o aspecto cognitivo da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Não mostra
Método de inferência	Modelo de regressão multinível
Tamanho da amostra	11.916 crianças
Universo representado	Holanda
Base de informação utilizada	As análises foram baseadas na coorte holandesa de educação primária (PRIMA), um estudo que se repete a cada dois anos para estabelecer as habilidades cognitivas e sociais de alunos holandeses do ensino primário. Os mesmos alunos são seguidos ao longo de sua permanência na escola primária, que, na Holanda, tem duração de 8 anos (faixas etárias entre 5 e 12 anos). O estudo utilizou dados obtidos a partir de questionários administrados aos pais e professores, bem como notas dos alunos sobre testes de desempenho de linguagem e aritmética. O trabalho investigou particularmente o desempenho acadêmico durante a escola primária dos alunos que estavam na 2ª série (faixa etária entre 5 e 6 anos) nos anos de 1996 e 1997.
Outras variáveis de controle usadas	Educação e renda dos pais, gênero e raça da criança
Instrumentos usados	1. Primeiro foram medidas as notas de português e aritmética por meio da prova <i>Concepts and Ordering Test</i> , desenvolvida pelo <i>Dutch National Institute for Educational Measurement (CITO)</i> . 2. Quantas horas os pais gastavam por semana lendo livros, revistas etc. quando seus filhos estavam na escola primária (pais leitores) e quanto eles liam para seus filhos nessa mesma idade.
Alcance do Impacto	A leitura do pai para a criança, quando ela estava na 2ª série, teve efeito de 0,08 de desvio-padrão na proficiência em linguagem na 4ª série. Na 6ª série, esse impacto não aparece. No entanto, passa a haver impacto de atividade de leitura de jornais, livros e revistas (pais leitores) sobre a proficiência das crianças (0,07 de desvio-padrão), resultado que se mantém na 8ª série.
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	6 anos
Comentários e conclusões	Esse estudo mostra que a socialização de leitura e o envolvimento escolar dos pais são altamente influenciáveis quando se trata de aquisição e melhoria das competências linguísticas, mas pouco eficazes quando se trata de habilidades aritméticas avançadas. Os pesquisadores constataram que o exemplo de leitura dos pais é relevante para o desenvolvimento da linguagem de uma criança no início do ensino primário e que esse efeito positivo perdura com a continuação na escola primária.

Nome do artigo	<b><i>Books Make a Difference: A Study of Access to Literacy</i></b>
Ano	1999
Autora	NEUMAN, Susan B.
Fonte – endereço web	<a href="http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1598/RRQ.34.3.3/abstract">http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1598/RRQ.34.3.3/abstract</a>
Resumo do texto	Neuman (1999) apresenta os resultados de um experimento de campo em que alguns centros de cuidado de crianças nos EUA (Pensilvânia) foram “inundados” com livros infantis de alta qualidade (na proporção de cinco livros por criança), enquanto outras creches não receberam tais recursos. Antes e depois do estudo foram avaliadas as habilidades das crianças quanto ao conhecimento das letras, compreensão da leitura, escrita, competência narrativa etc. Cerca de oito meses após o início do experimento, as crianças dos centros envolvidos tiveram pontuações significativamente maiores em testes de leitura se comparadas às crianças do grupo-controle.
Seções da pesquisa	4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante? 7. Que intervenções foram efetivas para promover o hábito de leitura e assim beneficiar as crianças?
Número de citações	290
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos e não cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim, sobre leitura e escrita
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Grupos aleatórios receberam ou não a intervenção
Tamanho da amostra	400 crianças de 3 e 4 anos + 100 controles
Universo representado	Pensilvânia (EUA)
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	-
Instrumentos usados	1. Para medir <i>environmental print</i> , foi utilizado o <i>Test of Early Reading Abilities (TERA)</i> , 1981. 2. Para medir o conhecimento de identificar letras, foi utilizado o método desenvolvido em Clay (1979). 3. Para medir <i>concepts of print</i> , foi utilizado o <i>Clay's Concepts of Print</i> (1979). 4. Para medir o “vocabulário receptivo” das crianças, foi utilizado o <i>Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT)</i> . 5. Para medir conceitos de escrita, foi utilizado um <i>prompt</i> desenvolvido por Purcell-Gares (1996). 6. Para medir conceitos de narrativa, pediu-se para as crianças escreverem uma história com base no livro de imagens “ <i>Whose Mouse Are You?</i> ”, de Robert Krauss.
Alcance do impacto	-
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	8 meses
Comentários e conclusões	O artigo mostra que crianças pequenas (principalmente aquelas provenientes de níveis socioeconômicos mais baixos) necessitam de materiais de leitura diversos e de alta qualidade a fim de adquirirem o conjunto complexo de habilidades, atitudes e comportamentos associados ao desenvolvimento da alfabetização. O acesso aos livros das crianças pequenas (3 e 4 anos), que passam boa parte de seu tempo em creches, é de extrema importância para seu desenvolvimento cognitivo e social e para sua alfabetização precoce.

Nome do artigo	<i>On Intergenerational Transmission of Reading Habits in Italy: Is a Good Example the Best Sermon?</i>
Ano	2011
Autoras	MANCINI, Anna Laura; MONFARDINI, Chiara; PASQUA, Silvia
Fonte – endereço web	<a href="http://www.econstor.eu/handle/10419/58803">http://www.econstor.eu/handle/10419/58803</a>
Resumo do texto	Usando os dados de pais e seus filhos de 6 a 15 anos, Mancini et al. (2011) investigaram o efeito do comportamento de leitura dos pais sobre o comportamento de leitura de seus filhos. No estudo foram incluídas atividades como estudar e ler, ajudar na lição de casa dos irmãos, ler para os irmãos. Os autores encontraram associações de longo prazo, comparando os hábitos de leitura dos pais e de seus filhos e um efeito causal de curto prazo na leitura feita pela criança após a exposição à leitura dos pais. A transmissão intergeracional das preferências e atitudes tem sido menos investigada na literatura do que a transmissão intergeracional de educação e renda. Usando o <i>Italian Time Use Survey</i> (2002-2003), realizado pelo ISTAT, os autores analisaram a transmissão entre gerações dos hábitos de leitura: as crianças são mais suscetíveis a usar seu tempo para estudar e ler quando observam seus pais fazendo a mesma atividade? A transmissão de atitudes em relação à leitura e ao estudo pode ser explicada tanto por fatores culturais quanto educacionais transmitidos de pais para filhos (os pais ensinam seus filhos sobre a importância de ler e estudar e fornecem-lhes livros) ou ainda por imitação de comportamento (as crianças veem seus pais lendo e decidem ler também). Essa última prática é de particular interesse, uma vez que implica que pais podem ser modelo e ter influência direta sobre a formação de preferências da criança, o que abre espaço para políticas públicas que visem promover comportamentos “saudáveis” nos pais.
Seção da pesquisa	5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes?
Número de citações	7
Tipo de texto	<i>Working paper</i>
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Não mostra
Métodos de inferência	Foram usadas duas abordagens para a estimativa: o modelo de “longo prazo”, que consistiu em regressões tipo OLS intergeracionais para o hábito de leitura; e os modelos de efeito fixo de “curto prazo”, nos quais foi identificado o impacto do papel exercido pelos pais, explorando a exposição diferencial de filhos ao exemplo parental dentro da mesma família.
Tamanho da amostra	681 famílias
Universo representado	Itália
Base de informação utilizada	A análise baseia-se no <i>Italian Time Use Survey</i> (2002-2003), realizado pelo ISTAT. Enquanto a maioria dos levantamentos de uso do tempo consideram apenas um membro da família, e dificilmente as crianças em idade escolar, o conjunto de dados italiano tornou possível analisar a relação entre o tempo dedicado ao estudo e à leitura dos pais e o tempo dedicado pelos filhos por conta própria para a mesma atividade em um determinado dia. A base de dados abrangeu 21.075 famílias e contém relatórios de informação sobre cada membro da família.
Outras variáveis de controle usadas	Escolaridade da mãe, ordem de nascimento, sexo da criança, saúde da criança, duração das aulas da criança, idade da mãe, idade do pai, situação ocupacional do pai (autônomo, desempregado e outras), tamanho da família e ensaios regionais.
Instrumentos usados	1. Para medir a existência de transmissão ou preferência intergeracional por atividades de leitura e estudo, foi utilizado o <i>Time Use Survey</i> (2002-2003), conduzido pelo ISTAT.
Alcance do impacto	A probabilidade de leitura é de 23% para crianças que não veem seus pais lendo. Quando as crianças veem os pais lendo, há um aumento significativo de 14 pontos percentuais na probabilidade de elas se dedicar à leitura.
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	Efeitos de curto prazo
Comentários e conclusões	Os resultados em longo prazo mostram que as crianças tornam-se mais propensas a ler e a estudar quando vivem com pais habituados a ler. As mães parecem ser mais importantes do que os pais nesse tipo de transmissão intergeracional. Além disso, a análise em curto prazo mostra que existe um efeito de imitação: no dia da pesquisa, as crianças estavam mais propensas a ler depois que viram a mãe ou o pai lendo.

Nome do artigo	<i>The Effects of Parental Time Investments: Evidence from Natural Within-Family Variation</i>
Ano	2010
Autor	PRICE, Joseph
Fonte – endereço web	<a href="http://www.uvic.ca/socialsciences/economics/assets/docs/pastdept-4/price_parental_time.pdf">http://www.uvic.ca/socialsciences/economics/assets/docs/pastdept-4/price_parental_time.pdf</a>
Resumo do texto	O tempo que os pais dedicam aos primogênitos é maior comparado ao dedicado aos outros filhos. O autor usa a ordem de nascimento das crianças nas famílias e o espaçamento dos nascimentos para estimar o efeito causal do tempo gasto pelos pais lendo para seus filhos sobre os resultados de testes de leitura das crianças em diferentes idades. O trabalho se concentra em famílias com dois filhos e constata um efeito positivo de se ter uma rotina de leitura de pais para filhos sobre o desenvolvimento cognitivo infantil. Também mostra que pais que leem para os filhos uma vez a mais por semana durante os primeiros dez anos de vida da criança aumentam seu desempenho, em testes padronizados de leitura (entre 11 e 13 anos), por cerca de meio desvio-padrão.
Seções da pesquisa	2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências? 6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura? 7. Que intervenções (públicas ou não, em larga escala ou não) foram efetivas para promover o hábito de leitura e assim beneficiar as crianças?
Número de citações	6
Tipo de texto	<i>Working paper</i>
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Métodos de inferência	Análise de regressão com efeitos substanciais da mãe (usa variação entre filhos de uma mesma mãe) e variáveis instrumentais (instrumento é se a mãe sofreu algum aborto espontâneo entre o primeiro e o segundo filho).
Tamanho da amostra	12.686 indivíduos
Universo representado	EUA
Base de informação utilizada	A maior parte da análise do presente artigo baseia-se nos dados de crianças nascidas dos entrevistados do <i>National Longitudinal Survey of Youth (NLSY)</i> , de 1979. O <i>NLSY</i> é uma amostra representativa de 12.686 homens e mulheres americanos que eram jovens entre 14 e 22 anos de idade quando foram entrevistados pela primeira vez, em 1979. Esses indivíduos foram entrevistados anualmente até 1994 e, desde então, a cada dois anos. O <i>NLSY</i> reúne extensa informação, incluindo dados sobre idade de cada entrevistado, educação, renda, histórico de trabalho, estado civil e fertilidade. A partir de 1986, foram coletadas informações de todas as crianças nascidas de mulheres participantes do <i>NLSY</i> . Os dados <i>NLSY</i> também incluem uma medida de quantas vezes a mãe lê para cada um de seus filhos.
Outras variáveis de controle usadas	Idade e sexo da criança, idade e educação dos pais, estado conjugal e situação ocupacional dos pais, quando a leitura é feita: no meio da semana ou no fim da semana.
Instrumentos utilizados	<i>Peabody Individual Achievement Test (PIAT)</i> : leitura e matemática <i>Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT)</i> Questões <i>NLSY</i> sobre frequência de leitura para a criança (nunca, muitas vezes por ano, muitas vezes por mês, uma vez por semana, três vezes por semana, todo dia) convertida em dias por mês que a mãe lê para o filho. <i>O American Time Use Survey (ATUS)</i> , monta a medida de quanto tempo cada pai passa em atividades com cada filho (lendo, conversando, ajudando na lição de casa).
Alcance do impacto	Os resultados obtidos indicam que a adição de um dia extra por semana de leitura de pais para filhos no período de um ano (ou cerca de um período extra de 26 horas de leitura parental naquele ano, dado que a leitura diária dura em média 30 minutos) poderia elevar a pontuação de leitura da criança para cerca de 4,2% de um desvio-padrão.
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	De curto prazo



### Comentários e conclusões

Os resultados deste trabalho fornecem estimativas causais sobre o efeito da leitura parental no desempenho de leitura da criança. Os resultados obtidos indicam que a adição de um dia extra por semana de leitura de pais para filhos no período de um ano (ou cerca de um período extra de 26 horas de leitura parental naquele ano) poderia elevar a pontuação de leitura da criança para cerca de 4,2% de um desvio-padrão. Segundo o autor, essa prática familiar pode ser um dos mais importantes preditores do sucesso das crianças na escola.

Nome do artigo	<i>A Longitudinal Study of Preschoolers' Language-Based Bedtime Routines, Sleep Duration, and Well-Being</i>
Ano	2011
Autores	HALE, L., BERGER, L.M., LEBOURGEOIS, M.K. e BROOKS-GUNN, J.
Fonte – endereço web	<a href="http://psycnet.apa.org/journals/fam/25/3/423/">http://psycnet.apa.org/journals/fam/25/3/423/</a>
Resumo do texto	O trabalho investiga as possíveis associações entre a prática realizada por pais ou cuidadores de "rotina noturna baseada em linguagem" (como leitura ou contação de histórias, orações antes de dormir, conversas, músicas etc.) com a qualidade e a duração do sono noturno infantil, com o desenvolvimento cognitivo e com as condições de saúde e comportamento de crianças pré-escolares de 3 a 5 anos de idade. Foi investigado também se as características parentais e familiares ajudavam a explicar essas associações. Para isso, utilizaram-se dados de 4.274 crianças, do nascimento até os 5 anos de idade, pertencentes ao <i>Fragile Families and Child Wellbeing Study (FFCW)</i> , um estudo de coorte longitudinal de crianças em situação de risco nascidas entre 1998 e 2000 em vinte cidades dos EUA. Os autores da pesquisa usaram o método dos Quadrados Mínimos Ordinários (para resultados contínuos) e regressões logísticas (para resultados dicotômicos), para estimar as associações descritas. Após o ajuste para as características da criança e da família, observou-se uma associação positiva entre rotinas de dormir baseadas na linguagem tanto com a qualidade do sono noturno quanto com a melhora das habilidades cognitivas das crianças.
Seções da pesquisa	5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes? 8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	11
Tipo de texto x	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Sim (pouca evidência)
Métodos de inferência	Quadrados Mínimos Ordinários, <i>propensity score matching</i> e regressões logísticas
Tamanho da amostra	4.274 indivíduos
Universo representado	Vinte cidades dos EUA
Base de informação utilizada	Foram utilizados dados sobre crianças acompanhadas pelo <i>Fragile Families and Child Wellbeing Study (FFCW)</i> desde o nascimento até os 5 anos de idade. O <i>FFCW</i> é um estudo de coorte longitudinal de crianças nascidas entre 1998 e 2000, residentes em 20 cidades norte-americanas com populações de mais de 200 mil habitantes.
Outras variáveis de controle usadas	Criança: idade, sexo, se teve baixo peso ao nascer. Domicílio: idade da mãe no nascimento do filho, raça, mãe imigrante, escolaridade da mãe, escore da mãe no <i>Peabody Picture Vocabulary Test (PPVT-R) – Revised</i> , sintomas de depressão da mãe, família chefiada por mulher, número de adultos, número de quartos do domicílio, domicílio pobre.
Instrumentos utilizados	1. Primeiro foi perguntado aos pais (perguntas do tipo "Sim" ou "Não") se eles tinham algum tipo de rotina na hora de colocar a criança para dormir. 2. Para saber o tempo de sono das crianças foi preenchido um relatório pelas mães ao longo do estudo. 3. Para medir habilidades cognitivas das crianças foi utilizado o <i>Picture Vocabulary-Test-Revised (PPVT-R)</i> , Dunn & Dunn, 1986; Dunn, Dunn, Robertson & Eisenberg, 1981. 4. Para mensurar problemas comportamentais, foi utilizado o <i>Child Behavior Checklist (CBCL)</i> Achenbach, 1992. 5. Para mensurar a saúde da criança, primeiro pediu-se a avaliação da mãe, em seguida, utilizou-se uma medida para averiguar se a criança era obesa ou não.
Alcance do impacto	-
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	5 anos

### Comentários e conclusões

As rotinas de deitar baseadas na linguagem foram inversamente associadas aos problemas comportamentais (ansiedade, isolamento e agressividade) e positivamente associadas a uma melhora no bem-estar e na saúde geral infantil. Essa pesquisa sugere que o uso regular de rotinas de deitar baseadas na linguagem, incluindo canto, leitura e contação de histórias na hora de dormir, pode trazer um benefício positivo e duradouro para a qualidade do sono das crianças e para seu desenvolvimento cognitivo. Praticamente não há evidências de tal benefício para o comportamento da criança ou para a melhoria das condições gerais de seu bem-estar e saúde.

Nome do artigo	<i>To Read or Not to Read: A Meta-Analysis of Print Exposure from Infancy to Early Adulthood</i>
Ano	2011
Autores	MOL, Suzanne E. e BUS, Adriana G.
Fonte – endereço web	<a href="http://psycnet.apa.org/journals/bul/137/2/267?utm_source=feedburner&amp;utm_medium=feed&amp;utm_campaign=Feed:%20apa-journals-bul%20(Psychological%20Bulletin)">http://psycnet.apa.org/journals/bul/137/2/267?utm_source=feedburner&amp;utm_medium=feed&amp;utm_campaign=Feed:%20apa-journals-bul%20(Psychological%20Bulletin)</a>
Resumo do texto	<p>O artigo examinou se há alguma associação significativa entre a exposição a livros e a habilidade de leitura ao longo do desenvolvimento. Os autores realizaram uma meta-análise de 99 estudos cujo foco era a leitura nas horas livres e de lazer de (a) pré-escolares e crianças de jardim de infância, (b) crianças da primeira à décima segunda séries e (c) estudantes universitários. Foram encontradas correlações entre a exposição aos livros e a capacidade de compreensão de leitura, leitura técnica e desenvolvimento de ortografia. Os resultados supõem várias causas que se somam: as crianças que são mais proficientes na compreensão, na leitura técnica e na ortografia leem mais por causa da maior exposição aos livros. Essas habilidades melhoram a cada ano de escolaridade.</p> <p>A exposição aos livros nas fases de pré-escola e jardim de infância explicaram 12% da variância nas habilidades de linguagem oral, 13% na fase de escola primária, 30% na fase de ensino médio e 34% na fase universitária. Associações moderadas entre exposição aos livros e desempenho acadêmico indicaram que leitores frequentes são, em geral, melhores alunos. Conclui-se da pesquisa que a leitura compartilhada entre pais e filhos pode fazer parte das atividades de lazer, além de facilitar e influenciar as habilidades de leitura, linguagem e ortografia ao longo do desenvolvimento.</p>
Seções da pesquisa	1. Leitura tem algum efeito para o desenvolvimento do indivíduo? 4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante?
Número de citações	68
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Meta-análise
Tamanho da amostra	99 estudos (n = 7.669 indivíduos)
Universo representado	-
Base de informação utilizada	Busca de artigos em bancos de dados da internet, <i>PsycINFO</i> , <i>ERIC</i> , and <i>Pro-Quest Dissertations and Theses</i>
Outras variáveis de controle usadas	Não se aplicam
Instrumentos usados	Para medir o volume de leitura, foi utilizada uma proxy: a aplicação de uma <i>print exposure checklist</i>
Alcance do impacto	A exposição aos livros nas fases de pré-escola e jardim de infância explicaram 12% da variância nas habilidades de linguagem oral, 13% na fase de escola primária, 30% na fase de ensino médio e 34% na fase universitária.
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	-
Comentários e conclusões	Os resultados da pesquisa são consistentes com a teoria de que o desenvolvimento da habilidade de leitura começa antes da instrução formal, com a leitura compartilhada de livros entre pais e filhos, sendo considerada um dos fatores de ambiente estimulante para alfabetização em casa.

Nome do artigo	<i>Mothers' Reading-Related Activities at Home and Learning to Read During Kindergarten</i>
Ano	2010
Autores	SILINSKAS, Gintautas, PARRILA, Rauno, LERKKANEN, Marja-Kristiina et al.
Fonte – endereço web	<a href="http://link.springer.com/article/10.1007/s10212-010-0014-9#page-1">http://link.springer.com/article/10.1007/s10212-010-0014-9#page-1</a>
Resumo do texto	Esse estudo longitudinal investiga como as atividades associadas à leitura de mães em casa se relacionam com o desenvolvimento de habilidades de leitura entre as crianças do jardim de infância. Um total de 1.529 crianças (de 5 a 6 anos de idade) foi testado na leitura de palavras, sendo o primeiro teste realizado no início do jardim de infância e outro no final dessa fase escolar. As mães das crianças testadas responderam a um questionário sobre as atividades relacionadas à leitura de seus filhos em casa (leitura compartilhada, alfabeto e ensino da leitura feita pela mãe) e sobre outras questões como nível de escolaridade da mãe, ordem de nascimento de seus filhos e sexo da criança. Os resultados mostram que, das três atividades relacionadas à leitura (leitura compartilhada, alfabeto e ensino da leitura feita pela mãe), o ensino feito pela mãe é o melhor preditor do desenvolvimento de habilidades de leitura entre as crianças do jardim de infância.
Seções da pesquisa	4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante? 5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes? 6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura?
Número de citações	7
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim, sobre as habilidades de leitura de crianças do jardim de infância
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Modelo Multinomial, com dados em painel
Tamanho da amostra	1.529 crianças de 5 a 6 anos de idade
Universo representado	Finlândia
Base de informação utilizada	Os dados foram coletados no <i>First Steps Study</i> , um estudo longitudinal sobre a avaliação do desempenho acadêmico (nos contextos familiar e escolar) das crianças da Finlândia. A amostra de crianças foi obtida a partir de quatro municípios finlandeses em dois períodos: início e fim do jardim da infância (intervalo de um ano). A amostra (que pode ser considerada representativa das crianças que vivem nesse país) é altamente homogênea em termos étnicos e culturais, o que é típico de uma população escolar finlandesa.
Outras variáveis de controle usadas	Escolaridade da mãe, ordem do nascimento e sexo da criança
Instrumentos usados	1. Para medir atividades relacionadas à leitura das mães para os filhos, foram utilizadas questões previamente empregadas em Sénéchal et al. (1998). 2. Para medir a leitura de palavras das crianças, aplicaram-se, individualmente, uma lista de palavras e um subteste, o ARMI, teste presente em Lerkkanen et al. (2006b). 3. Consciência fonológica também foi medida por meio do teste ARMI, presente em Lerkkanen et al. (2006b). 4. O conhecimento das letras também foi medido por meio do ARMI.
Heterogeneidade do impacto	As meninas, os primogênitos e as crianças com mães mais escolarizadas são mais propensos a se tornarem bons leitores no fim do jardim de infância.
Comentários e conclusões	Os resultados mostraram que, das três atividades relacionadas à leitura (leitura compartilhada, alfabeto e ensino da leitura feita pela mãe para o filho), o ensino feito pela mãe é o melhor preditor do desenvolvimento de habilidades de leitura entre as crianças do jardim de infância. Os resultados também apontaram que boas habilidades de leitura no início do jardim de infância aumentam a probabilidade de a criança receber posteriormente novos estímulos parentais para leitura. Os resultados da pesquisa demonstraram ainda que as meninas, os primogênitos e as crianças com mães mais escolarizadas são mais propensos a se tornarem bons leitores no fim do jardim de infância.

Nome do artigo	<i>Effects of a Family Literacy Program Adapting Parental Intervention to First Graders' Evolution of Reading and Writing Abilities</i>
Ano	2005
Autores	SAINT-LAURENT, Lise e GYASSON, Jocelyne
Fonte – endereço web	<a href="http://ecl.sagepub.com/content/5/3/253.short">http://ecl.sagepub.com/content/5/3/253.short</a>
Resumo do texto	Esse artigo relata os efeitos de um programa de alfabetização em família para crianças de 1ª série que tinham três características principais: (1) leitura compartilhada entre pais e filhos com o objetivo de aumentar gradualmente as habilidades de leitura da criança durante o ano letivo, (2) suporte para atividades de escrita infantil, e (3) atividades domésticas agradáveis complementando o ensino dado em classe. Os 108 participantes foram divididos em dois grupos: grupo de estudo e grupo-controle. Comparações entre os grupos indicaram que o programa tem um efeito positivo sobre o desempenho das crianças em leitura e escrita. As crianças do grupo de estudo produziram textos mais longos e com melhor vocabulário, estrutura de frase e ortografia. Esse estudo apoia o desenvolvimento de programas de alfabetização em família, demonstrando seu efeito positivo sobre a escrita no início da aprendizagem escolar e sugere que os pais devem ser convidados pelo professor para intervir não só em atividades de leitura, mas também de escrita.
Número de citações	36
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre escrita da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim, sobre a leitura e a escrita da criança
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Não mostra
Método de inferência	Turmas escolares escolhidas aleatoriamente, dentro de cada um dos dois grupos (alto e baixo nível socioeconômico)
Tamanho da amostra	108 crianças
Universo representado	Quebec, Canadá
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	-
Instrumentos usados	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Para medir a consciência fonológica, usou-se um teste bem similar ao <i>Phoneme Segmentation Test</i>, desenvolvido por Mann (1993).</li> <li>2. Para medir <i>Concepts about print</i>, foi utilizado um teste adaptado do teste de Clay (1993).</li> <li>3. Para medir <i>Invented spelling</i>, foram mostradas e identificadas para as crianças imagens de animais e depois pediu-se a elas para que escrevessem o nome desses animais à sua própria maneira. Para montar o escore do teste, baseou-se em Tangel and Blachman (1995).</li> <li>4. Para medir a atitude da criança diante da leitura, usou-se um questionário similar ao instrumento de Gambrell's (Gambrell et al., 1995).</li> <li>5. Para medir a "obtenção" de leitura e escrita, foi aplicado um questionário aos alunos a cada dois anos. O teste de leitura foi composto por um texto de 90 palavras seguido de questões de interpretação. Para o teste de escrita, pediu-se à criança que escrevesse um texto narrativo.</li> <li>6. No começo de cada ano letivo, os pais responderam a um breve questionário com perguntas referentes a questões demográficas. Também preencheram uma escala referente à alfabetização familiar – essa escala compreendia oito itens do instrumento de Whitehurst's (1993).</li> </ol>
Heterogeneidade do impacto	O impacto do programa foi similar tanto em escolas de alto como de baixo nível socioeconômico.
Duração do impacto	9 meses
Comentários e conclusões	Como a alfabetização na primeira série é decisiva para o sucesso escolar, a contribuição dos pais para o processo não é apenas desejável, mas deve ser intensificada. O início da leitura e da escrita infantil exige bastante dos pais, em termos de suporte e ajustes constantes. Esse estudo contribuiu para o incentivo de programas de alfabetização em família, demonstrando que os esforços dos pais no 1º ano têm influência positiva não só no desenvolvimento da leitura, mas também no da escrita da criança. O apoio familiar para o desenvolvimento dessas habilidades proporciona às crianças melhor suporte para a aprendizagem em casa ao longo dos anos escolares.

Nome do artigo	<i>Self-Efficacy and Outcome Expectancy Mechanisms in Reading and Writing Achievement</i>
Ano	1989
Autores	SHELL, Duane F., MURPHY, Carolyn C. e BRUNING, Roger H.
Fonte – endereço web	<a href="http://psycnet.apa.org/journals/edu/81/1/91/">http://psycnet.apa.org/journals/edu/81/1/91/</a>
Resumo do texto	O estudo examinou a relação entre autoeficácia, expectativas de resultado e desenvolvimento de leitura e escrita. A maioria dos 153 estudantes universitários participantes do estudo eram brancos, de classe média. Foram avaliadas a eficácia para tarefas de leitura e escrita e as crenças individuais envolvendo expectativas de resultado (ou seja, habilidades de leitura e escrita são importantes para a realização de objetivos de vida?). Resultados por análise de regressão indicaram que autoeficácia e crenças sobre expectativas de resultado são importantes fatores na conquista da leitura, sendo a autoeficácia o preditor mais forte.
Seção da pesquisa	8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	305
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre cognitivo e não cognitivo do adulto
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim
Método de inferência	Análise de regressão e correlação
Tamanho da amostra	153 universitários
Universo representado	-
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo usando questionários sobre autoeficácia e expectativas de resultado
Outras variáveis de controle usadas	Não reporta
Instrumentos usados	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Instrumentos de autoeficácia para leitura e escrita foram desenvolvidos pelos pesquisadores com base nos métodos delineados por Bandura (1982, 1986).</li> <li>2. Também foram administrados – separadamente para leitura e escrita – instrumentos para medir as expectativas dos resultados referentes à importância dessas habilidades para a realização de vários objetivos de vida.</li> <li>3. Para mensurar a realização de leitura, foi utilizado o teste <i>Degrees of Reading Power (DRP)</i>, <i>Touchstone Applied Science Associates</i>, 1983.</li> <li>4. Para medir a realização de escrita, foi dado um período de 20 minutos para responder à seguinte questão: “<i>What do you believe to be the qualities of a successful teacher?</i>”.</li> </ol>
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	Curto prazo
Comentários e conclusões	No geral, os resultados desse estudo indicam que as crenças podem estar significativamente relacionadas ao desempenho da leitura e da escrita e que essas crenças são independentes das habilidades reais de desempenho. Os resultados são mais significativos para o domínio de leitura do que de escrita e sugerem que a relação entre crenças e desempenho tende a se tornar mais forte à medida que as pessoas se tornam mais eficientes nesses domínios.

Nome do artigo	<i>Family and Social Risk, and Parental Investments During the Early Childhood Years as Predictors of Low-Income Children's School Readiness Outcomes</i>
Ano	2010
Autores	MISTRY, Rashmita S., BENNER, Aprile D., BIESANZ, Jeremy C. et al.
Fonte – endereço web	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0885200610000074">http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0885200610000074</a>
Resumo do texto	Práticas e comportamentos parentais têm se mostrado preditores consistentes de bem-estar infantil. No presente artigo, os autores investigam, entre outras coisas, dois indicadores da qualidade do ambiente familiar de crianças pertencentes a famílias de baixa renda e em situação de risco: o nível de relacionamento afetivo entre a criança e seu principal cuidador e a estimulação feita em casa quanto ao desenvolvimento da linguagem e da alfabetização. Os dados do estudo vieram do <i>National Early Head Start Research and Evaluation Project (NEHSREP)</i> , um programa federal americano voltado para famílias com mulheres grávidas e crianças de baixa renda. Todas as análises foram baseadas em um subconjunto de 1.851 crianças do programa. Recolheram-se informações a partir de uma base de dados e via entrevistas com as famílias.
Seção da pesquisa	8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	27
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Crianças submetidas a situações de risco familiar e social e seus níveis de desempenho cognitivo/acadêmico
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim (duas subescalas do <i>Woodcock-Johnson Psycho-Educational Battery Revised: Letter-Word Identification</i> (leitura); <i>Applied Problems</i> (matemática); <i>PPVT</i> (habilidade verbal) e dois indicadores de habilidade pré-letramento (conhecimento de livros e compreensão de leitura, derivados do <i>CAP Early Childhood Diagnostic Instrument</i> )
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim (três indicadores de regulação comportamental/atenção: <i>Leiter International Performance Scale-Revised (LIPS-R)</i> , para atenção; e dois indicadores da qualidade da interação entre pais e filhos durante brincadeira com massinha (se a criança envolveu os pais na brincadeira e a qualidade da brincadeira, se a criança se manteve entretida com a massinha).
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Sim, quatro indicadores de comportamento social problemático: <i>Behavior Problem Scale</i> (agressividade, hiperatividade, tédio e falta de confiança)
Métodos de inferência	Dados longitudinais e modelo de equações estruturais
Tamanho da amostra	1.851 crianças (n = 964 para o grupo de estudos e 887 para o grupo-controle)
Universo representado	EUA
Base de informação utilizada	Os dados do estudo vieram do <i>National Early Head Start Research and Evaluation Project (NEHSREP)</i> – <a href="http://www.acf.hhs.gov/programs/opre/hs/faces/index.html">http://www.acf.hhs.gov/programs/opre/hs/faces/index.html</a> – programa federal americano voltado para famílias de baixa renda com mulheres grávidas e crianças.
Outras variáveis de controle usadas	Indicador de vulnerabilidade social da família, sexo da criança, densidade populacional da cidade, raça, escolaridade da mãe, <i>Bayley Scales of Infant Development II (BSID-II)</i> , que é indicador multidimensional das funções cognitivas da criança aos 36 meses.
Instrumentos utilizados	1. Os riscos social e familiar foram medidos por meio de indicadores como: estado civil materno, emprego, renda domiciliar e nível de renda para necessidades básicas. 2. A estratégia de investimento parental foi medida pela provisão de linguagem e estímulo literário. 3. O carinho e a preocupação maternos foram medidos pela subescala do HOME. 4. O desempenho da criança foi medido por indicadores de realização acadêmica/cognitiva, adaptação de comportamento social e atenção/regulação comportamental.
Alcance do impacto	O modelo completo explicou 55% da covariância no desempenho cognitivo/acadêmico das crianças; 68% da variância na regulação comportamental/de atenção; e 17% na variância de comportamentos sociais problemáticos.
Heterogeneidade do impacto	Sim, impacto diferencial entre crianças em situações de maior vulnerabilidade social e familiar
Duração do impacto	Até 36 meses
Comentários e conclusões	Crianças submetidas a situações de risco familiar e social apresentaram níveis mais baixos de desempenho cognitivo/acadêmico, fracas habilidades de autorregulação e níveis mais elevados de comportamento problemático em comparação a crianças submetidas a baixos níveis de risco durante o seu primeiro ano de vida. Crianças que viveram situações de adversidade social e familiar apresentaram níveis mais baixos de estimulação cognitiva em casa e menor sensibilidade e capacidade de resposta nas interações entre pais e filhos, em comparação com outras crianças em melhores situações sociais.



<b>Nome do artigo</b>	<b>Efeitos da Leitura de Histórias no Desenvolvimento da Linguagem de Crianças de Nível Socioeconômico Baixo</b>
Ano	2004
Autores	FONTES, Maria José de Oliveira e CARDOSO-MARTINS, Cláudia
Fonte – endereço web	<a href="http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n1/22308.pdf">http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n1/22308.pdf</a>
Resumo do texto	Esse estudo investiga o impacto de um programa de leitura de histórias no desenvolvimento de habilidades da linguagem oral e escrita de crianças de baixo nível socioeconômico. Trinta e oito crianças entre 4 e 6 anos de idade participaram do estudo. As crianças designadas para o grupo experimental foram submetidas a um programa interativo de leitura de histórias. As crianças designadas para o grupo controle não foram submetidas a nenhum tratamento especial. Os resultados sugerem que programas interativos de leitura de histórias podem ter impacto positivo no desenvolvimento da linguagem oral de crianças de classe socioeconômica baixa. Embora os dois grupos tenham apresentado níveis comparáveis de desenvolvimento da linguagem no início do estudo, as crianças do grupo experimental excederam as crianças do grupo controle em todas as mensurações de compreensão de história e vocabulário administradas após o término do programa de treinamento.
Seções da pesquisa	4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante? 7. Que intervenções foram efetivas para promover o hábito de leitura e assim beneficiar as crianças?
Número de citações	22
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos e não cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim, sobre o desenvolvimento de habilidades da linguagem oral
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/ desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Método aleatório – crianças foram comparadas em relação às seguintes variáveis: sexo, idade cronológica, renda familiar, creche frequentada, tempo de frequência na creche e desempenho no teste de Raven (QI).
Tamanho da amostra	38 crianças (18 meninas e 20 meninos) entre 5 e 6 anos de idade (grupo de tratamento)
Universo representado	Viçosa, Minas Gerais
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo em sete creches e entrevistas com pais
Outras variáveis de controle usadas	–
Instrumentos utilizados	As crianças foram submetidas a testes antes da leitura para mensurar o conhecimento do nome das letras, o conhecimento do som das letras, o conhecimento da escrita, a leitura de palavras, o vocabulário e a compreensão da história.
Alcance do impacto	Significativamente superior ao ganho do grupo-controle para compreensão da história “O sonho de Maria” ( $p = 0,004$ ) e para vocabulário expressivo ( $p = 0,015$ ). Por outro lado, os dois grupos não diferiram significativamente em relação ao ganho nas medidas de conhecimento dos nomes e dos sons das letras, nem tampouco em relação ao ganho na medida de conhecimento da escrita (todos os $ps > 0,10$ ).
Heterogeneidade do impacto	Não apresenta
Duração do impacto	4 meses
Comentários e conclusões	Os resultados do presente estudo sugerem que a leitura interativa de histórias para crianças em idade pré-escolar desempenha papel importante no desenvolvimento da linguagem. Contudo, os resultados desse estudo apontam que o impacto desse tipo de experiência limita-se às habilidades de linguagem oral. De maneira geral, não foi observada nenhuma diferença entre os dois grupos de crianças em relação às medidas de conhecimento da leitura e da escrita que foram utilizadas no estudo, quer antes, quer após o programa de treinamento. Os resultados questionam, portanto, a hipótese de que a leitura de livros de histórias na pré-escola facilita a aprendizagem posterior da leitura e da escrita.

Nome do artigo	<i>Preschool Home Literacy Practices and Children's Literacy Development: A Longitudinal Analysis</i>
Ano	2008
Autores	HOOD, Michelle, CONLON, Elizabeth e ANDREWS, Glenda
Fonte – endereço web	<a href="http://psycnet.apa.org/journals/edu/100/2/252/">http://psycnet.apa.org/journals/edu/100/2/252/</a>
Resumo do texto	Nesse estudo longitudinal de três anos, os autores testaram e estenderam o modelo causal de relacionamento de SÉNÉCHAL, M. e LEFEVRE, J. (2002) entre as práticas de alfabetização de pré-escolares em casa, a alfabetização de crianças e o desenvolvimento da linguagem. A leitura compartilhada entre pais e filhos e o ensino parental de letras, palavras e escrita do nome foram avaliados seis meses antes da entrada das crianças na escola. Cento e quarenta e três crianças (55% dos participantes de sexo masculino, com idade média de 5,36 anos e DP de 0,29) participaram do programa Gold Coast, de pré-escolares do governo da Austrália.
Seções da pesquisa	2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências? 5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes?
Número de citações	92
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos e não cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim, impacto sobre o desenvolvimento de vocabulário
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Não mostra
Métodos de inferência	Dados longitudinais e análise de regressão hierárquica
Tamanho da amostra	143 crianças
Universo representado	Austrália
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo (aplicação de testes para as crianças e de questionários para os pais)
Outras variáveis de controle usadas	Idade, sexo, memória e habilidade não verbal
Instrumentos utilizados	<ol style="list-style-type: none"> <li>Um questionário foi aplicado aos pais para medir o envolvimento doméstico na leitura das crianças.</li> <li>A mensuração de memória foi controlada pelo <i>Digit Span Forward Subtest</i>.</li> <li>O teste de Matrizes Progressivas Coloridas, de Raven, foi empregado para mensurar a habilidade não verbal.</li> <li>A consciência fonológica foi avaliada por dois testes: identificação de rima e identificação de aliteração por meio de uma palavra inicial.</li> <li>A segmentação fonológica foi avaliada por um teste em que o segmento de uma palavra era retirado, e o participante deveria pronunciar a palavra sem esse segmento.</li> <li><i>The Peabody Picture Vocabulary Test</i> foi aplicado para mensurar o vocabulário receptivo. O participante deveria escolher uma entre quatro imagens que melhor ilustrasse o significado de uma palavra enunciada pelo examinador.</li> <li>A fluência na identificação de palavras foi avaliada por um teste em que uma lista de palavras era apresentada para que o participante lesse, em um minuto, o máximo de palavras que conseguisse.</li> <li>A ortografia foi avaliada por um teste em que os participantes escreviam em dois minutos palavras ditadas pelo examinador.</li> </ol>
Alcance do impacto	A leitura entre pais e filhos e as práticas mais formais de alfabetização estavam pouco correlacionadas (0,18). O ensino parental de pré-escolares de Woodcock (1997) foi relacionado de forma independente com os escores de identificação letra-palavra ( $R^2\text{change} = 4,58\%$ ). Na 1ª e na 2ª séries, foram encontradas relações entre o ensino parental e a identificação letra-palavra, a leitura de uma única palavra, a ortografia e a consciência fonológica (detecção de rima e perda fonológica). A leitura entre pais e filhos estava relacionada ao vocabulário da primeira série ( $R^2\text{change} = 5,6\%$ , $p = .005$ ). Assim, as práticas em casa mostraram-se relevantes, mas para diferentes aspectos de alfabetização e desenvolvimento da linguagem.
Heterogeneidade do impacto	--
Duração do impacto	3 anos

Comentários e conclusões	<p>Apesar da constatação dos autores de que as práticas de alfabetização em casa sejam mais importantes para o posterior desenvolvimento da alfabetização do que a leitura compartilhada entre pais e filhos, a leitura parental não deve ser descartada em favor de práticas formais de ensino. De fato, a prática da leitura frequente de pais para filhos está relacionada ao maior desenvolvimento de vocabulário. Outros trabalhos têm mostrado que ela é um importante preditor da compreensão de leitura tardia. Dependendo de contexto socioemocional positivo, a leitura entre pais e filhos é também importante na promoção da motivação da criança, que tem consequências importantes em longo prazo para a sua própria leitura. Embora as relações diretas das práticas de ensino parental sejam mais evidentes no início da alfabetização, as relações indiretas da leitura precoce de pais para filhos podem não ser aparentes até que o foco da leitura mude da decodificação básica de palavras para a compreensão, por volta dos 3 anos.</p>
--------------------------	---

Nome do artigo	<i>Revisiting the Home Literacy Model of Reading Development in an Orthographically Consistent Language</i>
Ano	2011
Autores	MANOLITSIS, George, GEORGIU, George K. e PARRILA, Rauno
Fonte – endereço web	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959475210000496">http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959475210000496</a>
Resumo do texto	No artigo, os autores examinam a aplicabilidade do modelo de alfabetização em casa em uma língua ortograficamente fácil (grego). Setenta crianças gregas foram seguidas desde o jardim de infância até a 4ª série. No jardim de infância, elas passaram por testes de inteligência não verbal, vocabulário, sensibilidade fonológica, nomeação rápida e conhecimento de letras. Os pais das crianças também responderam a um questionário sobre a frequência de leitura de contos de fadas, sobre o número de livros em casa e sobre a frequência de ensino dos nomes de letras, sons e palavras. Fluência de leitura e compreensão foram medidas na 4ª série. Os resultados indicaram que as experiências de alfabetização em casa estavam relacionadas às competências de letramento iniciais, mas que não previam diretamente as habilidades de leitura futuras.
Seção da pesquisa	2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências?
Número de citações	11
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim (fluência de leitura e compreensão da leitura)
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/ desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Regressão hierárquica
Tamanho da amostra	70 crianças
Universo representado	Creta, Grécia
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo (aplicação de testes para as crianças e de questionários para os pais)
Outras variáveis de controle usadas	Habilidades cognitivas na pré-escola (matrizes de Raven, PPVT-III), sensibilidade fonética ( <i>Phoneme Elision, Phoneme Blending, and Initial Sound Identification</i> ), conhecimento das letras e “rapid naming” (RAN Colors and RAN Objects)
Instrumentos utilizados	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. As Matrizes Progressivas foram usadas como uma medida de inteligência não verbal.</li> <li>2. <i>The Peabody Picture Vocabulary Test-Third Edition (PPVT-III)</i> foi adaptado para o grego e usado para medir o vocabulário receptivo.</li> <li>3. Foram empregados testes de elisão para avaliar a sensibilidade fonológica.</li> <li>4. Aplicou-se um teste no qual o participante deveria ouvir uma série de sons separados e combiná-los para formar uma palavra.</li> <li>5. Mediu-se a identificação de sons por meio de uma atividade na qual a criança foi estimulada por uma palavra e, em seguida, precisou escolher, entre três palavras, aquela que fazia aliteração com a palavra escolhida.</li> <li>6. O conhecimento de nomes das letras foi medido pedindo para os participantes enunciarem cada uma das letras do alfabeto grego dispostas de forma aleatória em uma folha de papel A4.</li> <li>7. O conhecimento do som das letras foi medido pedindo para os participantes mostrarem em um <i>laptop</i> o som das letras do alfabeto dispostas numa ordem aleatória.</li> <li>8. A alfabetização doméstica foi medida por cinco questões em escalas <i>Likert</i>.</li> <li>9. A velocidade de nomeação foi medida por dois testes: no primeiro, o participante deveria enunciar o mais rápido possível o nome de cinco cores dispostas aleatoriamente. No segundo, deveria enunciar o mais rápido possível o nome de seis objetos dispostos aleatoriamente.</li> <li>10. A fluência de leitura foi avaliada por duas medidas: um teste de fluência de leitura de palavras e um teste de fluência de leitura de não palavras.</li> <li>11. A compreensão de leitura foi medida por dois testes específicos, adaptados de testes clássicos de compreensão de leitura.</li> </ol>
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	As crianças foram seguidas do jardim da infância até a 4ª série, mas só foi encontrado efeito de curto prazo no jardim da infância.
Comentários e conclusões	O artigo avalia como parcialmente positivo o modelo de alfabetização em casa. Em linha com as hipóteses desse modelo, os autores descobriram que a exposição aos livros de histórias e o ensino parental estão relacionados de maneiras diferentes às competências de letramento precoces. Em contraste com as previsões do modelo.

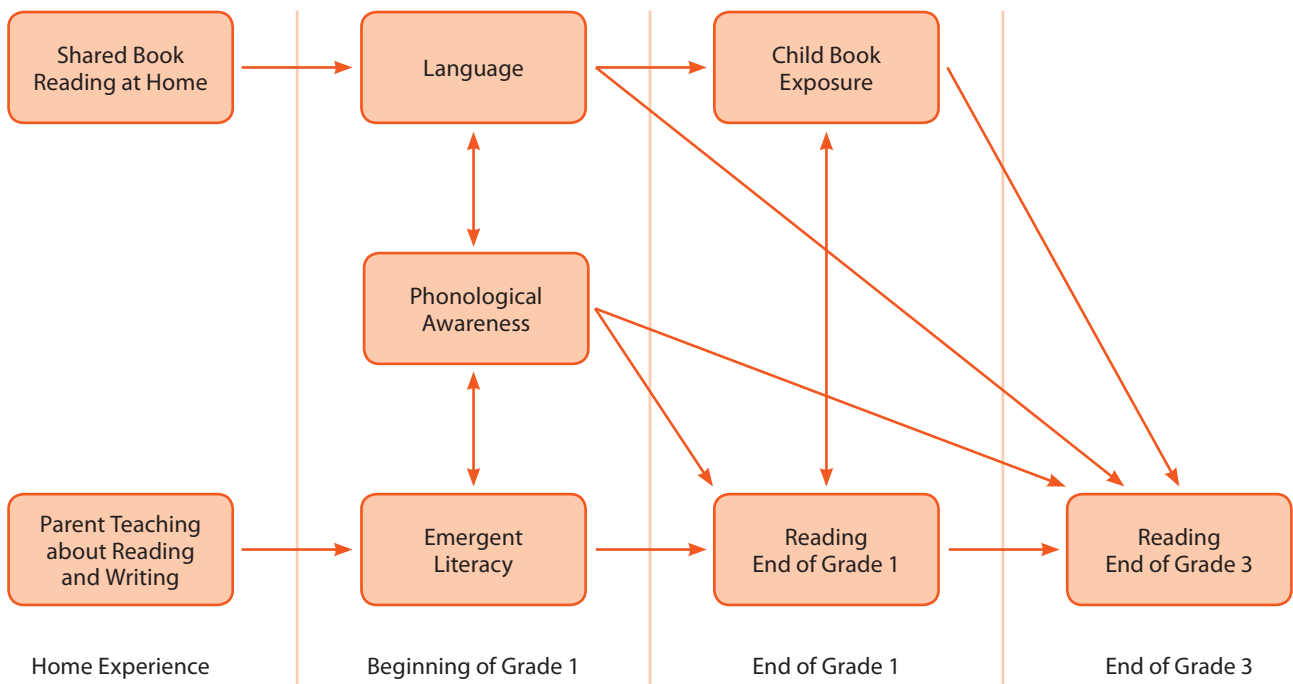
Nome do artigo	<i>Parental Involvement in the Development of Children's Reading Skill: A Five-Year Longitudinal Study</i>
Ano	2002
Autores	SÉNÉCHAL, Monique e LEFEVRE, Jo-Anne
Fonte – endereço web	<a href="http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.00417/full">http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.00417/full</a>
Resumo do texto	Esse artigo apresenta os resultados da fase final de um estudo longitudinal de cinco anos com 168 crianças de famílias das classes média e alta do Canadá. Foram examinadas as relações complexas entre as experiências precoces de alfabetização em casa, as habilidades de alfabetização e a linguagem subsequente adquirida e o desenvolvimento de leitura das crianças. Os autores analisaram as atividades de alfabetização formal e informal em casa. O principal objetivo das atividades informais de alfabetização era transmitir a mensagem da história durante a leitura de pais para filhos. Se o pai falava sobre letras ou dizia o nome e o som de letras específicas, havia aí uma atividade formal de alfabetização. Para as crianças avaliadas, a exposição a livros em casa desempenhou um importante papel no desenvolvimento de suas habilidades de leitura. Já o ensino mais formal dos pais pareceu ter uma influência mais limitada no processo de aprendizagem da leitura.
Seções na pesquisa	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Leitura tem algum efeito para o desenvolvimento do indivíduo?</li> <li>2. Efeito da leitura sobre o desenvolvimento de quais competências?</li> <li>3. O efeito da leitura é duradouro? Qual o impacto de longo prazo?</li> <li>4. Há uma idade em que a leitura seja particularmente importante?</li> <li>5. Que práticas associadas à leitura são mais eficazes?</li> </ol>
Número de citações	732
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos e não cognitivos da criança
Impacto sobre cognitivo?	Sim
Impacto sobre não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Não mostra
Método de inferência	Análise de regressão hierárquica
Tamanho da amostra	168 crianças
Universo representado	Ottawa, Canadá
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	Educação dos pais, inteligência não verbal
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	5 anos
Instrumentos utilizados	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Linguagem receptiva – indicador construído com análise fatorial com os seguintes componentes: <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Vocabulário (<i>Peabody Picture Vocabulary Test-Revised – PPVT-R</i>)</li> <li>b) Compreensão auditiva (histórias retiradas do <i>Stanford Early School Achievement Test – SESAT</i>)</li> </ol> </li> <li>2. Consciência fonológica (tarefa de categorização de sons do SESAT)</li> <li>3. Letramento emergente (análise fatorial) <ol style="list-style-type: none"> <li>a) <i>Print concepts</i> (dez questões do <i>Concepts About Print Test – CAP</i>)</li> <li>b) Conhecimento do alfabeto</li> <li>c) Letramento inventivo</li> <li>d) Decodificação (ler cinco palavras com consoante-vogal-consoante)</li> </ol> </li> <li>4. Inteligência não verbal (animal house subtest – <i>Weschler Preschool and Primary Scale of Intelligence-Revised – WPPSI-R</i>)</li> <li>5. Medidas de habilidade de leitura (compreensão de palavra e compreensão de leitura) <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Woodcock-Johnson Psycho-Educational Battery-Revised (para alunos no 1º ano)</li> <li>b) Gates-MacGinitie Reading Tests (para alunos no 3º ano)</li> </ol> </li> </ol>

Alcance do impacto

A leitura dos pais para os filhos entre os 5 e 6 anos, um ano depois, explica 9% da variância da linguagem receptiva, enquanto práticas mais formais de aprendizado não afetam a linguagem receptiva. Por outro lado, a leitura dos pais para os filhos não afeta o letramento emergente, enquanto as práticas parentais formais de alfabetização explicam 4% da variância do letramento emergente. Por sua vez, nenhum deles está relacionado à consciência fonológica. Práticas parentais de alfabetização respondem por 12% da variância da habilidade de leitura um ano à frente, enquanto a leitura de livros para os filhos não teve impacto. Os resultados para três anos depois são distintos: a leitura de livros para os filhos explica 4% da variância da habilidade em leitura, enquanto práticas formais de alfabetização não apresentaram impacto.

Comentários e conclusões

Resultados: leitura dos pais para os filhos entre os 5 e 6 anos, um ano depois, explica 9% da variância da linguagem receptiva, enquanto práticas mais formais de aprendizado não afetam a linguagem receptiva. Por outro lado, a leitura dos pais para os filhos não afeta o letramento emergente, enquanto as práticas parentais formais de alfabetização explicam 4% da variância do letramento emergente. Por sua vez, nenhuma das práticas está relacionada à consciência fonológica. Práticas parentais de alfabetização respondem por 12% da variância da habilidade de leitura um ano à frente, enquanto a leitura de livros para os filhos não teve impacto. Os resultados para três anos depois são distintos: a leitura de livros para os filhos explica 4% da variância da habilidade em leitura, enquanto práticas formais de alfabetização não apresentam impacto. Portanto, os resultados mostraram forte relação entre a exposição das crianças aos livros e seu desenvolvimento de vocabulário e habilidades de compreensão da escuta. O envolvimento dos pais na leitura e escrita de palavras foi relacionado com o desenvolvimento de habilidades precoces de alfabetização. Assim, segundo os autores, os vários caminhos que levam à leitura fluente têm suas raízes em diferentes aspectos das primeiras experiências infantis, conforme figura abaixo.



Nome do artigo	<i>The Home Environments of Children in the United States, Part I: Variations by Age, Ethnicity, and Poverty Status</i>
Ano	2001
Autores	BRADLEY, Robert H., CORWYN, Robert F., McADOO, Harriette Pipes, COLL, Cynthia García
Fonte – endereço web	<a href="http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.t01-1-00382/abstract">http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8624.t01-1-00382/abstract</a>
Resumo do texto	O objetivo principal desse estudo foi descrever o que ocorre nos ambientes domésticos de crianças americanas (incluindo hábitos de leitura de pais para filhos). Os efeitos relativos da etnia e da situação de pobreza nesses ambientes também foram investigados. Para isso, utilizaram-se dados do <i>National Longitudinal Survey of Youth (NLSY)</i> . Os dados de cinco avaliações bienais (1986-1994) do <i>Home Observation for Measurement of the Environment – Short Form (HOME-SF)</i> foram analisados para quatro grandes grupos étnicos: americanos europeus, americanos asiáticos, americanos africanos e americanos hispânicos. Foram encontradas diferenças significativas de acordo com o nível socioeconômico e com a etnia das famílias.
Seção da pesquisa	6. Há grupos que se beneficiam especialmente da leitura?
Número de citações	510
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos e não cognitivos da criança
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Correlação
Tamanho da amostra	5.694 famílias
Universo representado	Estados Unidos
Base de informação utilizada	<i>National Longitudinal Survey of Youth (NLSY)</i>
Outras variáveis de controle usadas	–
Instrumentos utilizados	1. <i>HOME-SF</i> : entrevistadores avaliaram a qualidade do ambiente residencial das crianças filhas de participantes do <i>NLSY</i> . 2. A determinação do nível de pobreza foi baseada nas estimativas feitas pelo CHHR em 1986 e a partir das diretrizes emitidas pelo Departamento de Saúde e Serviços Humanos sobre baixa renda para os anos de 1988 até 1994.
Alcance do impacto	Os americanos europeus mostraram-se mais propensos a ler com frequência para as crianças (63,7%), seguidos dos americanos asiáticos (44,2%), dos americanos africanos (37,9%) e dos hispano-americanos (34,9%). Além disso, o estudo mostrou que as mães que não eram pobres tinham duas vezes mais propensão a ler para seus filhos (três ou mais vezes por semana) do que as mães pobres.
Heterogeneidade do impacto	Não mostra
Duração do impacto	–
Comentários e conclusões	Um pouco mais da metade (51,6%) das mães avaliadas lia para seus filhos de 3 a 5 anos de idade (55%) pelo menos três vezes por semana. Esse percentual caía quando as crianças tinham entre 6 e 9 anos de idade (35,6%) para todos os grupos étnicos analisados.

Nome do artigo	<i>Bookworms versus Nerds: Exposure to Fiction versus Non-Fiction, Divergent Associations with Social Ability, and the Simulation of Fictional Social Worlds</i>
Ano	2006
Autores	MAR, R. A., OATLEY, K., HIRSH, J., DELAPAZ, J., PETERSON, J.
Fonte – endereço web	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S009265660500053X#">http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S009265660500053X#</a>
Resumo do texto	Segundo Mar et al. (2006), leitores frequentes são muitas vezes estereotipados como socialmente desajeitados. Segundo os autores, isso pode mostrar-se verdadeiro para os leitores de não ficção e falso para os leitores de ficção. Compreender personagens em uma narrativa de ficção parece estar relacionado com a compreensão de indivíduos no mundo real, enquanto a compreensão das narrativas de não ficção não partilham do mesmo paralelo. Leitores de ficção podem reforçar ou manter suas habilidades sociais, ao contrário dos leitores frequentes de não ficção. A exposição ao longo da vida a textos de ficção e não ficção foi analisada junto ao desempenho em empatia e habilidade social. Os resultados do trabalho mostram que, em geral, a exposição aos livros de ficção prevê positivamente as medidas de habilidades sociais, enquanto a exposição aos livros de não ficção mostrou-se um preditor negativo. A tendência a tornar-se absorto em uma história também previu pontuações de empatia. A idade do participante, a experiência com o inglês e a inteligência foram parâmetros estatisticamente controlados.
Seção da pesquisa	8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	62
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita por adulto sobre aspectos cognitivos e não cognitivos do adulto
Impacto sobre desempenho cognitivo?	–
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/ desenvolvimento integral?	–
Método de inferência	Regressão linear
Tamanho da amostra	94 participantes (63 mulheres) de 17 a 57 anos
Universo representado	Canadá
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	Idade do participante, experiência com o Inglês e inteligência
Instrumentos utilizados	a) <i>Author Recognition Test (ART)</i> : teste utilizado para medir o conhecimento de autores literários. b) <i>The Interpersonal Reactivity Index (IRI)</i> : mensuração de empatia multidimensional. c) <i>The Reading the Mind in the Eyes Test-Revised (MIE)</i> : teste não verbal para medir a capacidade de compreender estados da mente a partir de imagens da região dos olhos dos intérpretes. d) <i>The Interpersonal Perception Task-15 (IPT-15)</i> : teste que mensura habilidades sociais e sensibilidades interpessoais.
Alcance do impacto	Existe uma correlação positiva (0,34), após controle por outros fatores, entre exposição à leitura de texto de ficção e habilidades sociais e correlação negativa de leitura de não ficção e habilidades sociais (-0,26).



Nome do artigo	<i>On Being Moved by Art: How Reading Fiction Transforms the Self</i>
Ano	2009
Autores	DJIKIC, M., OATLEY, K., ZOETERMAN, S., PETERSON, J.
Fonte – endereço web	<a href="http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10400410802633392#.Up9eHMRDtgM">http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10400410802633392#.Up9eHMRDtgM</a>
Resumo do texto	O experimento de Djikic et al. (2009) testou a hipótese de que a arte pode causar mudanças significativas nos traços de personalidade em condições de laboratório. Depois de completar um conjunto de questionários, incluindo o <i>Big-Five Inventory (BFI)</i> e uma lista de verificação emocional, o grupo experimental leu o conto <i>"The Lady With the Toy Dog"</i> de Tchekhov, enquanto o grupo-controle leu um texto de comparação com o mesmo conteúdo da história citada, mas em forma de documentário. O texto de comparação foi controlado pela extensão, legibilidade, complexidade e nível de interesse. Os participantes, em seguida, completaram novamente o BFI e a lista de verificação emocional, colocados, dessa vez, aleatoriamente dentro de um conjunto maior de questionários. Os resultados mostraram que o grupo experimental apresentou maiores mudanças em relação aos traços de personalidade (experiências de autorrelato) que o grupo-controle, e a emoção apresentou um papel mediador nesse processo.
Seção da pesquisa	8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	48
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	-
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Não mostra
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/desenvolvimento integral?	Não mostra
Método de inferência	Análise de regressão
Tamanho da amostra	166 universitários (112 mulheres e 54 homens, com idade média de 19,5 anos)
Universo representado	Canadá
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	Extensão do texto, legibilidade, complexidade e nível de interesse
Instrumentos utilizados	a) A condição experimental foi a leitura de um conto clássico da literatura, <i>"The Lady With the Toy Dog"</i> , de Tchekhov. O grupo-controle leu o texto reescrito em forma de documentário. b) <i>Checklist</i> emocional: um questionário com dez emoções, como tristeza e felicidade. c) Verificação de manipulação: questionário com adjetivos, para medir quanto os participantes acharam o texto original mais artístico do que o texto de controle. d) <i>Big Five Inventory</i> : utilizado para medir as dimensões do impacto da leitura na personalidade.
Alcance do impacto	A mudança nos traços de personalidade daqueles que leram o texto de Tchekhov (grupo experimental) sofreu um aumento de 25% de um desvio-padrão além do verificado para o grupo-controle. Para a mudança emocional, esse número foi de um terço de desvio-padrão.
Heterogeneidade do impacto	-
Duração do impacto	-
Comentários e conclusões	-

Nome do artigo	<b><i>Enduring Links From Childhood Mathematics and Reading Achievement to Adult Socioeconomic Status</i></b>
Ano	2013
Autores	RITCHIE, Stuart J. e BATES, Timothy C.
Fonte – endereço web	<a href="http://pss.sagepub.com/content/early/2013/05/02/0956797612466268.abstract">http://pss.sagepub.com/content/early/2013/05/02/0956797612466268.abstract</a>
Resumo do texto	Boas habilidades matemáticas e de leitura na infância traduzem-se em notas mais altas e obtenção de melhores qualificações. Na idade adulta, essas capacidades também se relacionam com o nível socioeconômico do indivíduo. Em uma grande amostra representativa do Reino Unido, Stuart J. Ritchie e Timothy C. Bates (2013) testaram os efeitos da matemática e do desenvolvimento da habilidade de leitura aos 7 anos no nível socioeconômico alcançado aos 42 anos. Os participantes do estudo eram membros do <i>National Child Development Study</i> , que utilizou uma amostra de 17.638 crianças nascidas em 1958, na Inglaterra, na Escócia e no País de Gales, juntamente a 920 imigrantes nascidos no mesmo ano. Os 18.558 membros da coorte foram acompanhados em oito ondas, a primeira das quais em 1965, quando os participantes tinham cerca de 7 anos de idade. A mais recente foi realizada entre 2008 e 2009, quando os participantes estavam com cerca de 50 anos de idade. O estudo centrou-se em dados coletados quando os participantes apresentavam aproximadamente 7, 11, 16 e 42 anos. Tanto a matemática quanto a capacidade de leitura mostraram associações positivas significativas com o nível socioeconômico dos adultos. A aprendizagem de matemática e leitura também estava associada significativamente a escores de inteligência, motivação acadêmica e duração da educação.
Seção da pesquisa	1. Leitura tem algum efeito para o desenvolvimento do indivíduo?
Número de citações	2
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Leitura na infância e sua relação com o nível socioeconômico e outras características do adulto
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim (inteligência)
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim (motivação)
Método de inferência	Análise de correlação
Tamanho da amostra	18.558 indivíduos
Universo representado	Reino Unido
Base de informação utilizada	Estudo longitudinal
Instrumentos utilizados	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Registrar <i>General's Social Classes (RGSC)</i>, mensuração da classe social da ocupação do pai, utilizando uma escala de sete pontos.</li> <li>b) Situação da propriedade de habitação dos pais, medida em uma escala de um a quatro, entre proprietário e emprestada.</li> <li>c) Número de quartos na casa dos pais.</li> <li>d) A matemática foi uma variável latente, construída a partir de duas medidas quando o participante tinha 7 anos: <i>Problem Arithmetic Test</i> (com dez problemas de aritmética) e o nível de habilidade matemática avaliada pelo professor do participante.</li> <li>e) A leitura foi uma variável latente, construída a partir de três medidas quando o participante tinha 7 anos: <i>Southgate Group Reading Test</i>, o nível do participante como leitor atribuído pelo seu professor, e o nível dos livros que o participante era capaz de ler.</li> <li>f) A inteligência do participante foi medida aos 11 anos usando um teste com tempo de duração.</li> <li>g) A motivação acadêmica foi medida aos 16 anos dos participantes com o uso de um questionário.</li> <li>h) A duração da educação foi reportada pelos participantes aos seus 42 anos.</li> <li>i) SES atingido medido aos 42 anos a partir de três medidas: <i>RGSC</i>, a posse de moradia e a renda bruta do participante no seu emprego atual.</li> </ul>
Alcance do impacto	O efeito da habilidade de leitura sobre o nível socioeconômico 35 anos à frente é de 0,1 de desvio-padrão para mulheres. Para homens, não foi significativo.
Duração do impacto	35 anos

<b>Nome do artigo</b>	<b><i>How Does Fiction Reading Influence Empathy? An Experimental Investigation on the Role of Emotional Transportation</i></b>
Ano	2013
Autores	BAL, P. Matthijs e VELTKAMP, Martijn
Fonte – endereço web	<a href="http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0055341">http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0055341</a>
Resumo do texto	O estudo de P. Matthijs Bal e Martijn Veltkamp (2013) investigou se experiências de ficção podem alterar a empatia do leitor. Com base na teoria do transporte, acredita-se que, quando as pessoas leem textos de ficção, são transportadas emocionalmente para a história, tornam-se mais empáticas. Dois experimentos feitos pelos pesquisadores mostraram que a empatia é influenciada apenas quando a pessoa se envolve emocionalmente com a história. Um dos experimentos mostrou que um alto envolvimento emocional levou a maior empatia entre os leitores de ficção. Esses efeitos não foram encontrados nas pessoas da condição de controle (leitores de não ficção).
Seção da pesquisa	8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	5
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Relação entre leitura e desenvolvimento de empatia do leitor
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Não
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar?	Sim
Método de inferência	Análise de regressão hierárquica
Tamanho da amostra	163 estudantes holandeses (66 no experimento 1 e 97 no experimento 2)
Universo representado	Holanda
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	–
Instrumentos utilizados	a) Participantes da condição de ficção leram uma parte do conto <i>“The Adventure of the Six Napoleons”</i> , de Arthur Conan Doyle, sem ler a conclusão da história. O grupo-controle leu duas notícias do jornal holandês De Volkskrant, sobre revoltas na Líbia e o desastre nuclear no Japão, que permitiam envolvimento emocional não ficcional. b) O envolvimento emocional foi medido logo após a leitura do texto, usando a escala Busselle e Bilandzic. c) A empatia foi medida antes do experimento, logo após a leitura e uma semana depois do experimento, por meio da escala de preocupação empática de Davis.
Alcance do impacto	Para os leitores de ficção que se envolveram emocionalmente com a história houve efeito de 0,17 de desvio-padrão.
Heterogeneidade do impacto	–
Duração do impacto	2 semanas

<b>Nome do artigo</b>	<b><i>Empathy and Social Anxiety in Fiction and Non-Fiction Readers</i></b>
Ano	2012
Autores	ZAHID, Rabail e MUNIR, Maryam F.
Fonte – endereço web	Arquivo PDF ( <i>9th International Conference on Statistical Sciences: Official Statistics and its Impact on Good Governance and Economy of Pakistan</i> )
Resumo do texto	O trabalho de Rabail Zahid e Maryam F. Munir (2012) investigou se a leitura de textos de ficção pode melhorar a empatia e diminuir a ansiedade social. O objetivo do estudo foi comparar os níveis de empatia e de ansiedade social de leitores de ficção e de não ficção. Foram administrados questionários para 50 leitores de ficção e 50 leitores de não ficção, estudantes da Universidade de Punjab, em Lahore (Paquistão). Os resultados do trabalho não revelaram nenhuma diferença significativa nos níveis de empatia ou ansiedade social entre os leitores de ficção e de não ficção. No entanto, encontrou-se uma significativa correlação negativa entre a empatia e a ansiedade social, significando que pessoas com altos escores de empatia apresentavam baixos escores de ansiedade social.
Seção da pesquisa	8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	–
Tipo de texto	Artigo em congresso
Classificação no projeto	Relação entre leitura e traços da personalidade
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim
Método de inferência	Análise de correlação, teste t
Tamanho da amostra	100 universitários
Universo representado	Paquistão
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Instrumentos utilizados	a) <i>Basic Emphaty Scale (BES)</i> : escala usada para medir empatia. b) <i>Author Recognition Test (ART)</i> : teste usado para classificar participantes como leitores de ficção ou de não ficção. c) <i>Revised Cheek and Buss Shyness Scale (RCBS)</i> : escala utilizada para avaliar a ansiedade social e a tendência para se tornar inibido em situações sociais.
	Pesquisa de campo
	–
Alcance do impacto	Não há correlação estatisticamente significativa entre a medida de leitura de ficção e as medidas de empatia e ansiedade social.
Duração do impacto	Curto prazo

Nome do artigo	<i>Effects of Short-Term Tutoring on Cognitive and Non-Cognitive Skills: Evidence from a Randomized Evaluation in Chile</i>
Ano	2011
Autores	CABEZAS, Verónica, CUESTA, José I., GALLEGO, Francisco A.
Fonte –endereço web	<a href="http://www.depeco.econo.unlp.edu.ar/cedlas/ien/pdfs/meeting2011/papers/Cuesta.pdf">http://www.depeco.econo.unlp.edu.ar/cedlas/ien/pdfs/meeting2011/papers/Cuesta.pdf</a>
Resumo do texto	Alguns autores acreditam que é possível melhorar as habilidades cognitivas e não cognitivas de crianças, mesmo em apenas alguns meses, usando intervenções que foquem na atenção individual infantil. Nesse sentido, uma avaliação randomizada realizada no Chile por Cabezas et al. (2011) demonstrou que o desenvolvimento de um programa de tutoria de curta duração (três meses) para alunos da 4ª série (utilizando voluntários universitários como tutores) pode elevar o desempenho em linguagem e melhorar algumas atitudes não cognitivas em relação à leitura de alguns subgrupos da população. Em particular, observou-se que os alunos de baixo desempenho e provenientes de escolas pobres em áreas em que o programa foi implementado aumentaram seu desempenho em um teste de leitura em cerca de 0,15 a 0,20 de desvio-padrão e melhoraram significativamente sua autopercepção como leitores.
Seção da pesquisa	8. Relação entre leitura e aspectos não cognitivos da personalidade
Número de citações	5
Tipo de texto	Artigo
Classificação no projeto	Impacto da leitura feita pela criança sobre aspectos cognitivos e não cognitivos
Impacto sobre desempenho cognitivo?	Sim
Impacto sobre desempenho não cognitivo?	Sim
Impacto sobre outra dimensão de bem-estar/ desenvolvimento integral?	–
Método de inferência	Análise de regressão (OLS)
Tamanho da amostra	6.136 estudantes
Universo representado	Chile
Base de informação utilizada	Pesquisa de campo
Outras variáveis de controle usadas	–
Instrumentos utilizados	a) Implementação de 15 sessões semanais com duração de 90 minutos. A classe foi dividida em pequenos grupos de cinco ou seis alunos submetidos a um tutor, voluntário da FSP. b) Instrumento de mensuração de leitura: <i>Prueba de Comprensión Lectora y Producción de Textos (CLPT)</i> . c) Para medir atitudes diante da leitura, aplicou-se o questionário <i>Gusto por la Lectura (GPL)</i> , com questões como interesse pela leitura.
Alcance do impacto	Alunos com baixo desempenho e provenientes de escolas pobres em áreas onde o programa foi implementado aumentaram seu desempenho em um teste de leitura em cerca de 0,15 a 0,20 de desvio-padrão.
Duração do impacto	Três meses